

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO PEDAGÓGICA
C.I.P.

Aco.
/7

II- INQUÉRITO- CAUSAL- DE
REPROVAÇÕES NO I, II e III NÍVEIS

1983

COMISSÕES DO DIQUERITO

Comissão para o I Nível:

- ALFONS STEINER (Coord)
- DEOLINDA CAMPA
- CREZILDA LIMA

Comissão para o II e III Níveis:

- ARTUR FRAZÃO VIDAL (Coord)
- HORST LAZAREK
- HENRIQUEILDO DE ABREU GOMES
- PETER TRIER

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO PEDAGÓGICA
C.I.P.

II. INQUÉRITO - CAUSAS DE
REPROVAÇÕES NO I, II e III NÍVEIS

1983

<u>I N D I C E</u>	PAG.
1.- INTRODUÇÃO	1
2.- ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS NO I NÍVEL	3
2.1.- REFLEXÕES SOBRE O CORPO DISCENTE	3
2.2.- REFLEXÕES SOBRE O CORPO DOCENTE	8
2.3.- ASPECTOS PEDAGÓGICOS, MATERIAIS E SOCIAIS	13
2.4.- AVALIAÇÃO DAS AULAS ASSISTIDAS	21
2.5.- ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	23
2.5.1.- ENTREVISTA DOS ALUNOS	23
2.5.2.- ENTREVISTA AOS PROFESSORES	26
2.5.3.- ENTREVISTA AOS DIRECTORES	29
2.6.- OPINIÕES SOBRE AS CAUSAS DAS REPROVAÇÕES	33
2.7.- CONCLUSÕES - I NÍVEL	37
3.- INVESTIGAÇÃO NO II E III NÍVEIS	40
3.1.- LEVANTAMENTO DOS DADOS ESTATÍSTICOS	40
3.1.1.- ESTATÍSTICA DOS ALUNOS	41
3.1.2.- ESTATÍSTICA DO CORPO DOCENTE DAS ESCOLAS CONTACTADAS (SELECÇÃO SEM RESTRIÇÃO QUALQUER)	45
3.1.3.- SITUAÇÃO DAS ESCOLAS VISITADAS	49
3.2.- CAUSAS PARA AS REPROVAÇÕES	52
3.2.1.- OPINIÕES DOS GRUPOS CONTACTADOS	
3.2.1.1.- SOBRE VÁRIOS ASPECTOS LIGADOS AO PROCESSO DOCENTE- -EDUCATIVO	52
3.2.1.2.- SOBRE AS REPROVAÇÕES POR FALTAS	62
3.2.1.3.- SOBRE AS REPROVAÇÕES POR MÃO APROVEITAMENTO	65
3.2.2.- ASSISTÊNCIA DE AULAS	68
3.2.3.- AVALIAÇÃO DE FALTAS	69
3.2.4.- CONCLUSÕES - II E III NÍVEIS	73

	PAG.
3.2.4.1.- SOBRE AS REPROVAÇÕES POR FALTA - - - - -	73
3.2.4.2.- SOBRE AS REPROVAÇÕES POR MÃO APROVEITAMENTO	74
4.- RECOMENDAÇÕES PARA MELHORAR O RENDIMENTO ESCOLAR . .	77
4.1.- AO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO	79
4.2.- A DELEGACÃO PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO - DELEGACÃO MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO	82
4.3.- AOS DIRECTORES DAS ESCOLAS	84
4.4.- AOS PROFESSORES	86

ANEXOS

ANEXO I:- MAPAS.- UTILIZADOS NO INQUÉRITO DO I NÍVEL.	88
ANEXO II:- MAPAS ESTATÍSTICOS SOBRE O I NÍVEL . . .	103
ANEXO III:- MAPAS UTILIZADOS NO INQUÉRITO DO II/III NÍVEIS	127
ANEXO IV:- MAPAS ESTATÍSTICOS SOBRE O II/III NÍVEIS.	141

INTRODUÇÃO

Uma reprovação acarreta enormes prejuízos, não só de ordem económica, mas também social, e dificulta o processo da Reconstrução Nacional.

Nos últimos anos o índice de reprovações tem aumentado assustadoramente o que constitui uma das principais preocupações das estruturas Centrais da Educação e Ensino da República Popular de Angola.

Assim, realizou-se um Inquérito para detectar as causas que têm provocado o excessivo número de reprovações no Ensino de Base Regular (I Nível) e apresentação de propostas a fim de se tomarem medidas adequadas para a superação das mesmas.

Feita a análise deste Inquérito, concluiu-se que havia necessidade de se aprofundar as causas de reprovações nele mencionadas, fundamentá-las e alargar o campo de acção do trabalho até ao II e III Níveis, tarefa que foi confiada ao Centro de Investigação Pedagógica (CIP).

Neste sentido, o CIP formou duas Comissões de trabalho - uma para o I Nível e outra para o II e III Níveis - que se deslocaram às províncias a fim de realizarem o presente Inquérito, que permitiu aprofundar as causas de reprovações que estamos apresentar:

Províncias Visitadas:

- Namibe
- Cabinda
- Benguela
- Malanje
- Huíla
- Huambo
- Uíge

Este trabalho foi efectuado também na província de Luanda por elementos que concluíram o curso de Inspeção Escolar.

Os critérios adoptados para a selecção das províncias foram os seguintes:

- Maior número de alunos
- Situação socio-económica
- Situação geográfica de cada província

Teve bastante influência na escolha, a facilidade de deslocação às mesmas e a disponibilidade das estruturas locais em receberem as Comissões de trabalho.

A metodologia adoptada para realização deste inquérito baseou-se em: questionários aos directores, professores, encarregado de educação e alunos, assistência de aulas com maior incidência a aulas de Matemática e Língua Portuguesa, análise de pautas de turmas que tiveram maior índice de reprovações no ano lectivo transacto e mapas estatísticos sobre o corpo docente e discente.

Durante a realização do Inquérito, houve sempre a grande preocupação de se fazer uma explicação prévia de cada tarefa a realizar para que os trabalhos decorressem do modo a se obter um melhor resultado.

Há no entanto a salientar que apesar das preocupações tidas nesse sentido, nem sempre os directores conseguiram corresponder, devido ao facto dos dados estatísticos não estarem devidamente compilados.

Houve uma estreita colaboração entre as comissões de trabalho e os responsáveis provinciais das estruturas contactadas.

2. Análise dos dados recolhidos no I Nível

2.1.- Reflexões sobre o curso discente

Contrariamente ao número elevado de alunos matriculados nas escolas do I nível, constata-se que um grande número não chega ao fim do ano e do nível. Muitos alunos ficam pelo caminho por causa de desistências e não aproveitamento. Este processo exprime essencialmente o fraco rendimento do sistema escolar.

Desistências e aproveitamento

Foi analisado um volume de 19.918 alunos das províncias de Benguela, Luanda, Malanje e Namibe* e verificou-se que 86,2% desses alunos (17174) chegaram ao fim do ano lectivo. (ver anexo II mapa 1).

A realização dos programas de ensino e a dificuldade de provas e exames está reflectida no número dos alunos aprovados que é de 58,2 %. Partindo deste cálculo, concluiu-se que a quantidade de alunos que desistiu durante o ano lectivo, dá como resultado que só 50,2 % dos alunos passaram.

Estes aspectos poderão ser analisados no mapa que a seguir se apresenta (ver anexo II, mapa 2).

MAPA 1A - PORCENTAGENS DIFERENTES CLASSES (n = 19910 ALUNOS)

Classe	Alunos matric.	Alunos que chegaram ao fim	Alunos aprovados		
			total	percentagem A	percentagem B
1ª	6396	5484 (85,7%)	2987	54,5 %	46,7 %
2ª	5562	4831 (86,9 %)	2560	53,0 %	46,0 %
3ª	4399	3796 (86,3 %)	2611	60,2 %	57,1 %
4ª	3561	3063 (86,0 %)	1938	63,3 %	54,4 %
TOTAL	19 918	17 174 (86,2%)	9956	60,2%	50,2 %

Legenda: percentagem A - em relação ao número de alunos que chegaram ao fim;

B - em relação ao número de alunos matriculados

- Não foi possível recolher estes dados estatísticos na província de Cabinda.

O maior número de alunos aprovados aparece na 1ª e 2ª classes pois a percentagem dos aprovados é só de 46,7 % e 46,0%.

Na 3ª e 4ª classes aprovaram 57,1 % e 54,4% respectivamente.

Interessante é a distribuição das reprovações, no que diz respeito a cada província (ver anexo II mapa 1 e 2.)

-5-

MAPA 2.1. ESTADÍSTICAS DE ALUNOS DEPENDENTES PROVÍNCIAS (19 918 alunos)

Província	Alunos matriculados	Alunos que chegaram ao fim	Alunos Aprobados		
			Total	Percentagem A	Perc. B
Benguela	6 631	5 639 (85,0 %)	3 647	64,7 %	55,0 %
Luanda	3 553	3 375 (92,4 %)	2 102	62,3 %	57,5 %
Malange	4 730	4 063 (85,9 %)	1 956	48,1 %	41,4 %
Namibe	4 904	4 097 (83,5 %)	2 091	50,9 %	46,7 %
Total	19 918	17 174 (86,2 %)	8 996	58,2 %	50,2 %

Legenda: Percentagem A - em relação ao número de alunos que chegaram ao fim.

Percentagem B - em relação ao número de alunos matriculados

Constata-se que em Luanda a percentagem de alunos que não chegaram ao fim é a mais pequena. 57,5% dos alunos ficaram pelo caminho durante o ano lectivo, enquanto que nas escolas das outras províncias cerca de 15%.

O número de alunos que ficaram reprovados no exame é muito elevado.

Através do mapa estatístico pode-se verificar que o nível nacional houve uma percentagem de 58,2% de alunos aprovados, sendo a percentagem mínima de 48,1 % encontrada em Malange e a máxima de 64,7 % em Benguela.

Pode calcular-se a relação entre os alunos que passaram no exame e os alunos matriculados (através da percentagem B). Verificou-se como foi referido que apenas metade dos alunos matriculados terminam a classe com êxito.

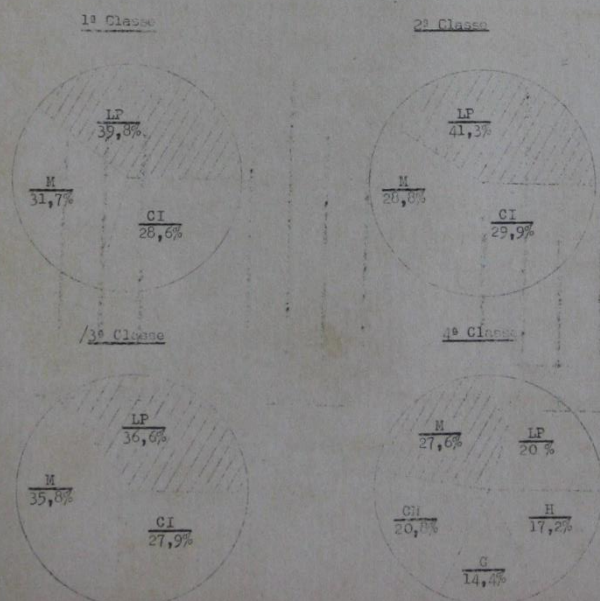
O menor número de alunos reprovados encontra-se nas províncias de Malange com 41,8% e Namibe com 46,7%. Embora nas províncias atrás mencionadas haja o menor número de alunos aprovados podemos constatar o seguinte: Em Malange a percentagem de alunos reprovados contém também grande número de alunos que não chegaram ao fim do ano. No Namibe a percentagem de alunos reprovados contém apenas um número médio de alunos que não chegou ao fim.

Insuficiências nas diferentes disciplinas

Como se distribuem as insuficiências nas várias disciplinas em cada classe? (Ver anexo II, mol. 3)

Os gráficos seguintes mostram esta situação

GRAFICO 1: Distribuição das insuficiências das disciplinas

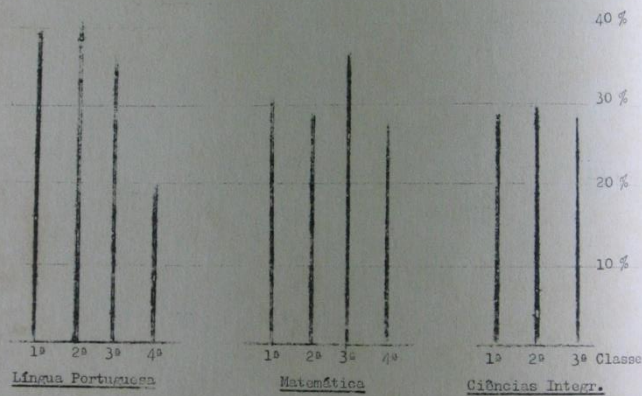


Na 1ª classe, as insuficiências em Língua Portuguesa são mais predominantes e podem ser verificadas através do gráfico a seguir apresentado (39,8% dos alunos têm menos de 10 valores) os quais continuam a crescer nesta disciplina na 2ª classe (41,3%), enquanto que na Matemática elas baixam de 31,7% na 1ª para 26,8% na 2ª classe.

Na 3ª classe constata-se quase o mesmo número de insuficiências na Língua Portuguesa e na Matemática (36,2% e 35,8% respectivamente) e na 4ª classe, o número de insuficiências na Matemática (27,6%) ultrapassa o da Língua Portuguesa (20%). Também há muitas insuficiências nas Ciências da Natureza com 20,8%.

O gráfico seguinte mostra o desenvolvimento das insuficiências dentro de uma disciplina de classe a classe (baseando-se numa estatística com 16 454 alunos; ver anexo II, página 3.)

GRÁFICO 2 : Desenvolvimento das insuficiências dentro de uma disciplina
(n = 16 454 alunos.)



2.2.- REFLEXÃO SOBRE O CORPO DOCENTE

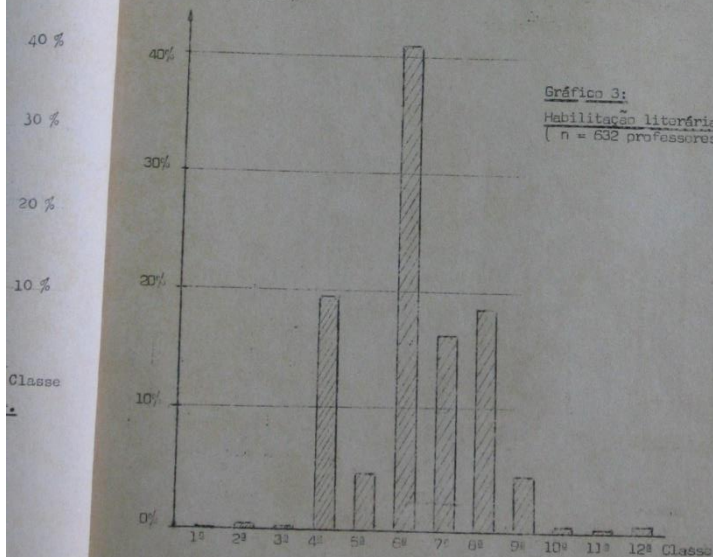
O professor desempenha o papel mais importante no processo docente-educativo. Do trabalho pedagógico do mesmo, depende decisivamente o rendimento escolar e, no fim, os resultados da aprendizagem, inclusive o número de alunos reprovados.

Uma condição indispensável para atingir uma alta qualidade do ensino é a qualificação dos professores.

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

Sobre as habilitações literárias dos professores, salienta-se que a maior parte dos professores do I nível têm habilitações muito baixas, entre a 4ª a 8ª classes, sendo em maior percentagem os da 6ª classe (40,7%), seguindo-se a 4ª classe (18%), 8ª classe (17,2%) e 7ª classe (15,4%).

Esta situação aparece reflectida no gráfico (ver também anexo II, mapa 4):

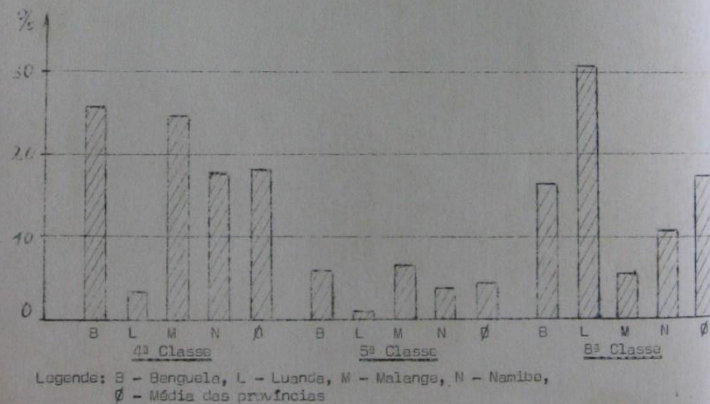


Quanto às habilitações literárias constata-se uma diferença significativa entre as províncias. Pode-se dizer que os professores da província de Luanda possuem habilitações literárias mais altas do que os das províncias. Assim, são 2,0% os professores da província de Luanda que têm a 4ª classe enquanto que são 25,0% de Benguela, 24% de Malanje e 18,1% do Namibe.

Por outro lado, são 31,2% os professores de Luanda que têm a 6ª classe, contudo em Malanje são apenas 5% e no Namibe 10,5%.

Este problema com referência à 4ª, 5ª e 6ª classe nas quais há as maiores diferenças, pode ver-se através do gráfico (ver também anexo II, mapa 4):

Gráfico 4: Habilitações literárias dos professores, distribuição às províncias (n= 632)



Habilitações profissionais

No que diz respeito às habilitações profissionais nota-se que a maior parte dos professores não têm habilitações profissionais (82,8 %) e dentro destes os que possuem uma habilitação profissional, têm apenas o curso alicenciado (8,2%), seguindo-se professores com o curso do Magistério Primário (3,2%) e professores com o curso de monitores escolares (2,2%). O que foi dito quanto às habilitações literárias de Luanda coincide neste aspecto: São 27,6% dos professores de Luanda que possuem habilitações profissionais: (Ver anexo II, pág. 5).

Experiências profissionais

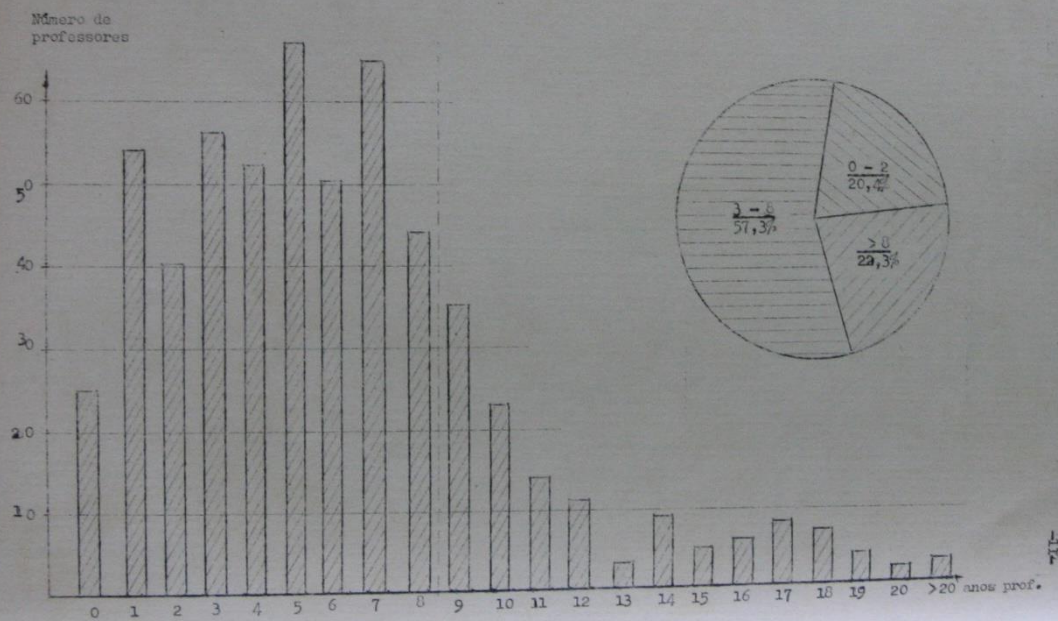
O gráfico da página seguinte mostra a constituição do corpo docente segundo a experiência profissional. Cerca de 20% dos professores são relativamente novos, quer dizer, trabalham há um ou dois anos, e 57,3 % dos professores já têm de 0 até 5 anos de experiência profissional. Embora este grupo de professores disponha de anos de experiência no ensino, não têm uma boa formação profissional.

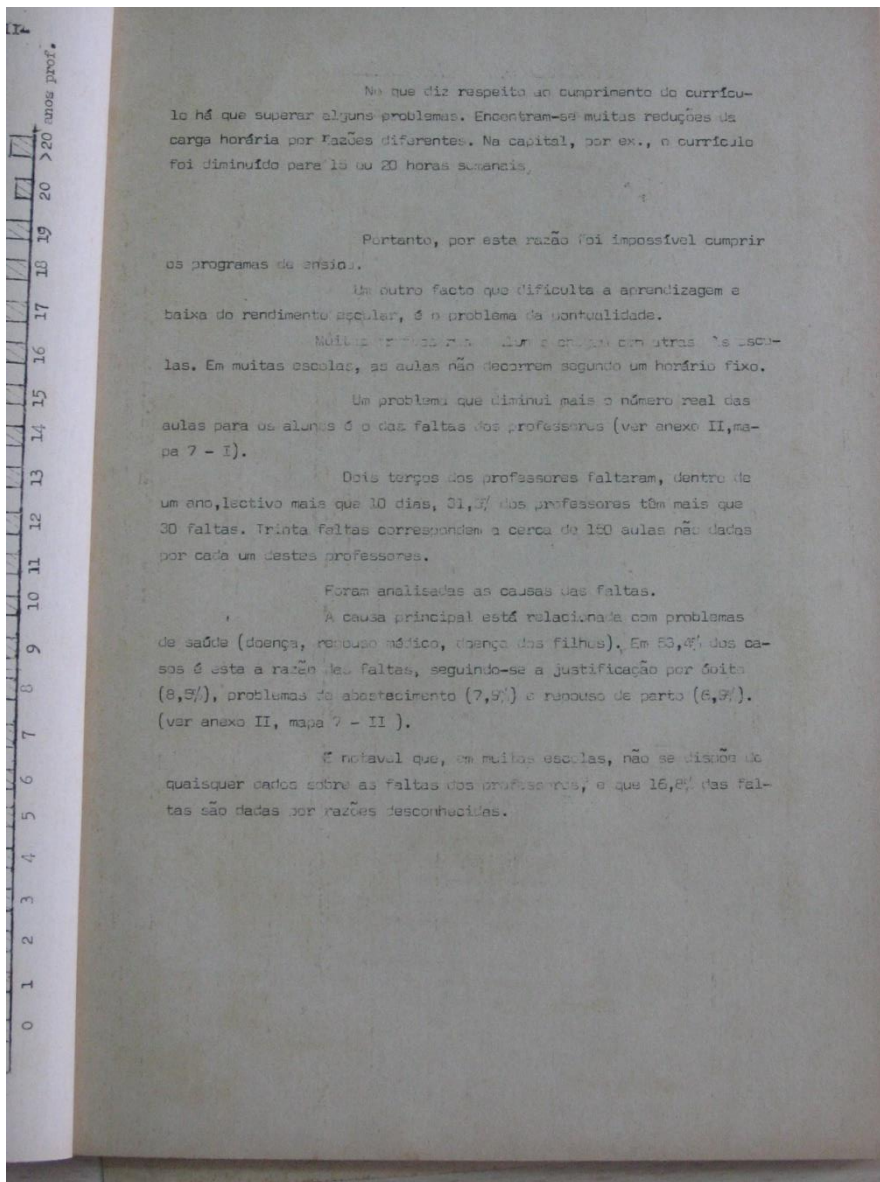
No total pode-se constatar que em Angola, há uma geração de professores muito nova quer em anos de idade quer em anos profissionais. Quase 80% do corpo docente começou a leccionar depois da ascensão à Independência da A.P.A.

Assiduidade

Também foi analisado no Inquérito o problema das faltas dos professores, o cumprimento rigoroso do calendário escolar, do currículo, o horário e da organização que leva ao bom funcionamento da vida escolar. Quanto ao calendário escolar verifica-se em geral, atrasos no início do ano lectivo e depois das férias periódicas. Uma grande parte do professorado nem sempre chega a tempo do início das férias.

Gráfico 5: Experiências profissionais do corpo docente (n = 583 professores, ver também anexo II, p.6)





2.3. Aspectos pedagógicos, materiais e sociais

Instalações/mobiliário/ material didáctico

As condições pedagógicas, materiais e sociais têm grande importância para o processo docente-educativo. Elas influem muito no trabalho dos Directores e Professores bem como na aprendizagem dos alunos e, finalmente, no aproveitamento escolar.

Para se verificar as condições materiais, visitaram-se 56 salas e constatou-se o seguinte (ver anexo II, mapa 8). Há quadro preto em 56 salas (são 98%) e todos os professores dispõem de giz, no entanto, só uma minoria de giz a cores. Com isto, pode-se dizer que os professores possuem esse meio didáctico essencial para o seu trabalho pedagógico.

Um problema encontrado é a falta de móveis. Apenas em 35 salas (62%) existem os móveis necessários. Portanto, muitos alunos sentam-se no chão, em latas ou pedras e têm que escrever nos joelhos. É claro, que desta modo, torna-se muito difícil obter uma boa concentração dos alunos, bem como uma apresentação correcta das tarefas a realizar.

Em geral, os alunos têm os materiais para o trabalho individual (cadernos e lápis) no entanto, não possuem régua, compasso e transferidor, o que impede o cumprimento completo da geometria do programa de Matemática.

Quanto à existência de material didáctico (ver anexo II, mapa 8).

Constatou-se que só 57% dos professores têm programas e portanto muitos não ensinam tendo como base os programas estatais.

A tabela seguinte mostra a percentagem dos professores de cada classe que possuem programas das diferentes disciplinas.

MAPA 3 : Existência do programa (por professores)

Disciplina Classe	LP	M	CI/CI	GEO	HIST
1ª	58%	64%	27%		
2ª	50%	54%	42%		
3ª	71%	71%	71%		
4ª	47%	53%	37%	83%	83%

Um dos meios didáticos mais importantes é o manual. Nem todos os alunos dispõem deste o que dificulta muito a aprendizagem. É de salientar que não se verifica, parência de manuais dentro de uma província, mas sim entre as escolas da mesma província, o que permite concluir que há falhas na distribuição dos mesmos. (Ver quadro que se segue).

MAPA 4: Existência de livros (71 turmas)

	L. Portuguesa			Matemática			C.I./ C.F.			Geografia			História		
	+	-	0	+	-	0	+	-	0	+	-	0	+	-	0
1ª	64%	18%	18%	64%	18%	18%									
2ª	50%	17%	33%	50%	25%	25%	54%	25%	21%						
3ª	65%	18%	17%	65%	21%	14%	71%	24%	5%						
4ª	32%	42%	26%	42%	37%	21%	80%	11%	9%	74%	11%	15%	74%	16%	10%

Legenda: (+) todos os alunos possuem livros

(-) Nenhum aluno possui livro

(0) Alguns alunos possuem livros

O problema é mais grave na 4ª classe.
Nesta classe constata-se que há mais falta de manuais e programas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Além disso a maioria dos professores desta classe não dispõe de guias. Verificamos que só existem 11% de guias em Língua Portuguesa e Ciências da Natureza.

Os de Matemática ainda não foram distribuídos às escolas.

A falta de guias é um problema geral, como se vê pela tabela seguinte:

MAPA 5: Existência de Guias (71 professores)

Disciplina Classe	LP	M	CT/DT	GEO	Hist.
1ª	27%	31%	31%		
2ª	38%	33%	33%		
3ª	53%	55%	55%		
4ª	11%	0%	11%	16%	16%

Distribuição por turmas

Quanto à frequência dos alunos verifica-se que a média é de 39,9% por turma (ver anexo, mapa 10). Este número não é muito elevado, mas o problema reside no facto de exis-

tiram muitas turmas com mais de 60 alunos particulares (na estatística foram encontradas 24 turmas) e o máximo número de alunos numa turma é de 96.

No decorrer do ano lectivo por causa das desistências e transferências o número de alunos diminui mas a oportunidade de alterar a constituição das turmas com o fim de equilibrar o número de alunos por turma não é aproveitada.

A frequência média de alunos por turma em cada classe é a seguinte:

1ª classe 45,8 alunos,

2ª classe 38,6 alunos,

3ª classe 40,1 alunos

4ª classe 37,6 alunos

O número de alunos por turma na 1ª classe é bastante elevado. Para o professor docente-educador constitui um problema, dado que é na 1ª classe que se lançam as bases para o ensino.

O desenvolvimento do número de alunos por turma de classe a classe e as diferenças entre as profissões vê-se no gráfico seguinte:

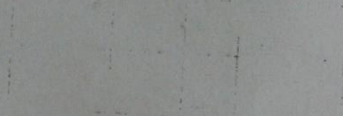
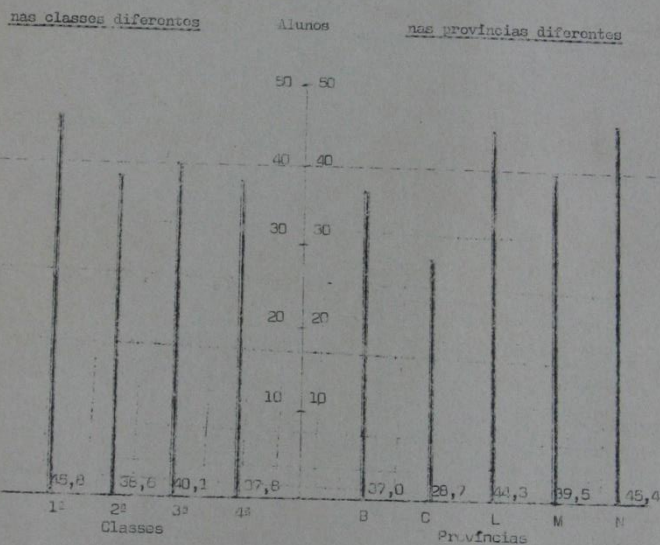


Gráfico 6:
Frequência média por turma



Legenda: B- Benguela, C- Cabinda, L- Luanda, M- Malanje,
N- Namibe

Os dados seguintes reflectem a média de alunos
por turma nas províncias visitadas:

Benguela	(33 turmas)	- 37,0	alunos p.c. turma
Cabinda	(16 turmas)	- 28,7	" p.c. "
Luanda	(37 turmas)	- 44,3	" p.c. "
Malanje	(19 turmas)	- 39,5	" p.c. "
Namibe	(23 turmas)	- 45,4	" p.c. "
Total	(128 turmas)	- 39,9	" p.c. "

Como se vê, a frequência mais elevada constata-se na
capital do país e no Namibe.

Idade dos alunos

Um dos problemas analisados foi a idade dos alunos. O ideal seria que os alunos terminassem o I nível com 10 anos de idade. Mas a realidade é outra, pois tem havido todos os anos alunos que repetem as várias classes.

Já a entrada para a escola (iniciação) realiza-se numa idade avançada como mostra a tabela seguinte (foram interrogados 140 alunos e 87 deles responderam à pergunta respectiva).

MAPA 6: Idade dos alunos à entrada para a escola

Idade da entrada para a escola em anos	4	5	6	7	8	9	10	11	12	Som.
Número de alunos que entraram para a escola com esta idade	1	12	22	19	14	11	5	1	2	87
Porcentagem	1%	14%	25%	22%	16%	13%	6%	1%	2%	100 %
	40%			60%						

Só 40% das crianças entram para a escola (iniciação) com 6 anos de idade.

O resto tem de 7 a 12 anos de idade. Com certeza, isto provoca muitas dificuldades psicológicas quer na iniciação, quer nos anos escolares seguintes.

Foi feita uma estatística sobre a idade dos alunos de cada classe. Esta estatística tem o inconveniente de apresentar os dados só até aos 14 anos, entretanto sabe-se que há alunos mais velhos a frequentar o I nível (ver anexo II mapa 11).

O gráfico seguinte reflecte a relação entre os alunos numa idade de 6 ou 7 anos na 1ª classe, até 8 anos na 2ª, até 9 anos na 3ª e até 10 anos na 4ª classe e os alunos mais velhos em cada classe:

Gráfico 7: Distribuição dos alunos segundo a idade (n = 20661 alunos)

<u>1ª Classe:</u>	26,1%	63,7%
	6 ou 7 anos	mais que 7 anos
<u>2ª Classe:</u>	18,6%	81,4%
	até 8 anos	mais que 8 anos
<u>3ª Classe:</u>	17,3%	82,9%
	até 9 anos	mais que 9 anos
<u>4ª Classe:</u>	12,4%	87,3%
	até 10 anos	mais que 10 anos

Os principais métodos utilizados foram os métodos expositivo (75%) e interrogativo (65%). Pela utilização do primeiro pressupõe-se que a criança é meramente passiva pois o professor expõe as suas ideias já "pré-fabricadas" e não leva o aluno a participar na redescoberta. Este método torna a aprendizagem menos racional, menos interessante e por isso menos proveitosa. Utilizando o segundo método, o aluno terá que fazer das ideias do seu professor as suas, e neste caso utiliza a memorização (quase sempre sem compreensão).

Esta atitude não leva ao raciocínio e para certas disciplinas não se ajusta.

Notam-se também erros que tendem a vulgarizar-se no processo de aprendizagem:

- o facto dos professores não utilizarem o modo simultâneo - individualizado, faz com que as perguntas não sejam dirigidas à classe, mas apenas a um aluno, só o indicado é que pensa na pergunta formulada e consequentemente na resposta a dar, ficando o resto da classe distraído.

- o facto do professor começar a frase e o aluno terminar, de uma forma mecanizada, estimula apenas a memorização e não o raciocínio.

- o facto dos alunos darem em coro várias respostas que carecem de individualização.

2.5.- Análise das entrevistas

2.5.1.- Entrevista aos alunos

De uma maneira geral, as entrevistas aos alunos reprovados, deram resultados que se podem considerar um tanto vagos e sem rigor científico, uma vez que a maioria são alunos repetentes e com uma certa dificuldade em interpretar e formular as perguntas que lhe são feitas.

Por conseguinte, pode-se ver como os alunos enfrentam os seus problemas pessoais em relação não só à escola, mas também às suas vivências do dia a dia.

Nota-se uma certa disparidade entre o nº total de alunos e alguns totais das respostas encontradas nos inquéritos porque foram utilizados dois tipos de fichas,

Sobre a profissão dos pais dos alunos reprovados que foram entrevistados, pode-se afirmar que além das domésticas (40) são em maior número os funcionários (39), os operários (34) e os camponeses (29). (ver anexo II, mapa 14).

No que diz respeito à relação que existe entre os alunos e os professores, dos 140 alunos entrevistados, 65 pensam que os professores sabem ensinar, 60 são amigos dos alunos e 53 gostam dos professores (ver anexo II, mapas 15 -I e 15 II-).

Sobre a qualidade do ensino, 62 acham o ensino bom 21 regular, 9 mau e 48 não responderam.

Analisando o mapa que mostra quais as disciplinas que os alunos gostam mais (ver anexo, mapa 16), pode-se concluir que a

maioria, preferiu a Matemática (41,2%), seguindo-se a Língua Portuguesa (20,4%).

Porque é que o aluno estuda? Esta questão estratificou-nos que dos 140 alunos entrevistados 48 responderam que é para aprenderem e 18 porque gostam.

Continuando com a mesma análise pode-se adiantar que 52 quiseram estudar e 7 foram obrigados.

Sobre a relação professor-aluno, 101 relacionam-se com o professor só na escola e 12 também fora da escola.

Quanto à presença dos professores durante as horas de intervalo nos campos de recreio, orientando os alunos, pode-se referir que 35 acompanham os alunos no recreio e 42 não acompanham.

Dos 140 alunos entrevistados, 18 falam só português, 45 falam português e uma língua nacional.

Sobre a dificuldade das provas de exame, 67 alunos acham que foram difíceis, 45 acham que foram grandes, 21 que foram fáceis, 1 que foram pequenas.

No que diz respeito ao interesse que os encarregados de educação têm pela vida escolar dos seus filhos, 51 encarregados de educação ajudam os filhos, 17 não ajudam, 113 querem que os filhos andem na escola e 2 não querem que os filhos andem na escola.

Os problemas, saúde, higiene, alimentação foram analisados no inquérito. Concluiu-se através das respostas dadas que nenhuma escola tem cantina. Quanto ao problema de higiene, pode-se verificar que dos 140 alunos entrevistados 57 têm casas de banho e 25 não têm. Quanto à limpeza das mesmas há uma grande diferença entre as casas de banho sujas que são 45 e as limpas que são só 8. No que diz respeito, à limpeza das salas, verifica-se que as salas são limpas por ordem decrescente por alunos, contínuas, alunos ajudados pelo professor, etc.

A maior parte dos alunos entrevistados mora perto da escola (102 alunos) e outros (32) moram longe. Sobre a assiduidade, na sua maioria aos alunos a quem foi posta esta questão são assíduos.

Sobre a necessidade de fazer trabalhos de casa pode-se ver que quase todos os alunos têm esta necessidade (115 alunos). Entretanto a maioria dos alunos que responderam à pergunta: "Tens muito tempo livre para estudar?", verificou-se que 74 responderam afirmativamente e 19 não. Alguns alunos estudam com os irmãos, outros sozinho. Esses alunos, na sua maioria, estudam em casa dos pais. Depois de estudar, alguns alunos brincam (62) outros não (17).

Sobre a questão: "Diz o que gostarias que fizessem na tua escola, podemos ver que a maioria dos alunos queriam, por ordem de preferência: uma cantina (56 alunos), que arranjasse a escola (25 alunos), que fizessem casas de banho, etc.

2.5.2.- Entrevistas aos professores

As entrevistas aos 81 professores deram resultados que nos permitem verificar as dificuldades com que os mesmos se debatem ao longo da sua actividade docente-educativa. (ver anexo II, mapas 17 - I e 17 II)

Segundo a opinião dos professores, o maior número de alunos desistem por desintervenirem outros porque têm problemas de alimentação e saúde. Muitos professores não sabem indicar os motivos.

No que diz respeito às reprovações por não aproveitamento poder-se-á consultar o capítulo 4.6. (-Opiniões sobre as causas das reprovações").

Como "medidas tomadas pelo professor para evitar as reprovações" anota-se que a maioria dessas medidas (43) consistem em reunir com os pais dos alunos e que as restantes se baseiam em: envio aos pais de um aviso de comparecimento (3), visitas às aldeias e mais visitas de inspecção e outras.

Existe uma grande carência de material didáctico, visto que dos inquiridos (26) pedem guias, (19) manuais, (12) programas e livros de pedagogia e didáctica, para além de outros materiais. Desses metade dos inquiridos (41) responderam que os materiais são suficientes e específicos (30) responderam que os materiais não são suficientes, (25) acham que não são específicos.

Sobre as tarefas de casa, verificou-se que os alunos de uma forma geral cumprem com as mesmas (46), sendo 6 os que não cumprem. Entretanto, alguns não responderam a esta questão (27)

Constata-se que os inquiridos exigem material didáctico (30), rotulagens (34) guias para o professor (18) manuais e programas (22), seminários (16).

No que se refere às questões "Vost. já fez o seu material didáctico", os inquiridos, (23) responderam que sim e (32) que não e a relação dos os alunos é toda exclusivamente contra a escola. (21) responderam que sim e (31) que não. Podemos concluir que embora o maior número tenha respondido não, também muitos inquiridos não possuem esta pergunta (25).

Pode-se verificar que 60 professores fazem planificação semanal e (19) individual. Quem coordena essas planificações são os coordenadores de disciplina (56), os professores baseados no plano modelo (11) e os directores da escola (7). Dos professores entrevistados só (11) apresentaram o plano de aula e (54) não o fizeram. Por estes resultados pode-se concluir que isto em nada concorre para o bom andamento do ensino.

Verifica-se que a maior parte dos professores (34) dedica geralmente menos de 2 horas à preparação das aulas, 12 de 2 a 3 horas e em 25 inquiridos não aparece essa pergunta, dando-se a concluir que é muito reduzido o nº de professores que têm a preocupação de preparar as suas lições.

Os professores preparam as aulas em casa (16) e na escola (14) mas a maioria não responde a essa pergunta porque não foi convenientemente posta ou porque a ficha não a possuía.

Constata-se que se tem feito algum trabalho com encarregados de educação pois dos 81 inquiridos, 50 reúnem com os pais, que à juntar-se as visitas domiciliárias participação à direcção (1) mais de metade dos inquiridos tem consciência da necessidade de ligação escola - encarregados de educação.

Grande parte dos professores dá trabalho para casa (73) e só 5 não o fazem. Com esta medida eles pretendem obrigar os alunos a estudar e conseguem melhor aproveitamento dos alunos.

Feita a análise da - "Os alunos mostram interesse pela escola e pelo saber", pode-se concluir que 43 alunos interessam-se pela escola, e 19 pelo aprender. Entretanto concluiu-se também que 6 alunos não mostram interesse pela escola e 26 pelo aprender

pergunta.

Da análise das respostas à pergunta "Porque é professor? Concluiu-se que a maioria (39) são professores por vocação, outros (17) dão aulas para seguirem as instruções do Partido e do Governo, (...)

mta.

Verifica-se que quase não houve superação, pois dos 81 inquiridos (24) responderam que não houve superação⁸(26) fizeram seminários.

2.5.3.- Entrevista aos directores

Foram inquiridos 57 directores de escolas (ver anexo II, Mapa 10 I e II) tendo-se constatado que 37% dos elementos inquiridos, tem idade compreendida entre 25 a 30 anos; 33% têm idade superior a 30 anos.

Quanto a anos de serviço como professor, 24 (42%) já leccionavam antes da independência e 56% foram nomeados após a independência. Portanto, eles dispõem de experiências profissionais de muitos anos.

No que se refere a anos de experiência como director, grande parte, 39 têm 1 ou 2 anos de serviço, 24 têm mais de 2 anos de experiência.

Como habilitações literárias 43% dos directores têm a 8ª classe, 23 % a 6ª classe e 19% a 7ª classe.

Para além de responsável da escola, pode-se constatar que alguns directores têm outras ocupações. Destas ocupações são notáveis as de estudante (23%) e colaboradores docentes (14%).

Os directores pouco se tem preocupado com o problema das reprovações pois dos 57 inquiridos, 9 reuniram-se com os professores; 7 reuniram-se com os encarregados de educação, 8 sensibilizaram os alunos através de reuniões, 7 participaram através de relatórios às estruturas competentes. Outras atitudes tomadas podem ser consultadas no Mapa em anexo. No entanto, 10 não compreenderam a pergunta e 19 não responderam, pois não têm uma relação estreita com o assunto.

A má relação que os directores têm com este problema é notória pelo facto de que só 13 expuseram o assunto aos organismos superiores.

Os directores acerca das desistências dos alunos que frequentaram a escola são da opinião que grande parte das desistências devem-se a problemas sociais de várias ordens (20), seguindo-se os que desistem por conflitos familiares (12); o êxodo rural e a doença ocupam o mesmo lugar (9).

Pode-se constatar que alguma coisa já foi feita no sentido de minimizar este problema, pois dos 57 inquiridos, alguns já tiveram a iniciativa de fazer reuniões (15) fazer visitas domiciliárias (1) e contactos com outros organismos p. ex. JMPLA/JP (2). Estas reuniões e contactos foram feitos com os pais (11) com os alunos (3) Delegação Provincial (2).

Só alguns Directores acompanham as actividades dos professores assistindo a aulas e ajudando a planificar. É de salientar que 19 não entenderam e não responderam de acordo com a pergunta. Consta-se que os Directores das escolas dão muito pouca importância a este tipo de controlo. No ano lectivo passado, 43% dos directores não assistiram a aulas nenhuma, 31% dos directores assistiram a mais de 10 aulas.

O trabalho realizado entre os directores e os órgãos estatais e de massa é deficiente., 5 fizeram reuniões, 2 têm representações da DPA e da JMPLA/JP e 2 têm comissão de encarregados de educação, 36 não entenderam a questão e deram respostas que não tinham relação com o assunto. A DPA já organiza actividades em 13 escolas e tem boa participação na vida escolar em 11 escolas, 53% dos directores disseram que o calendário escolar não foi cumprido por razões várias entre elas por atraso do início do ano lectivo e por falta de professores.

Para a superação dos professores, os directores não fizeram muito. Não consideram a reciclagem como tarefa importante do director da escola e a troca de experiências ainda não faz parte integrante do trabalho do director. Fiziram algumas reuniões aos sábados de manhã com professores.

Foram quase nulas as medidas tomadas pela D.P.E. para a superação dos directores.

No inquérito os directores tinham a tarefa de referir outros problemas que influíram no processo docente-educativo. Embora este assunto seja muito importante, grande parte não se referiu a ele (48), e só uma minoria disse que a falta de preparação pedagógica (2) as faltas excessivas (2), e outros motivos (5) tem influenciado o processo docente-educativo.

Muitos directores sabem o que é o CIP 68% dos directores sabem para que serve. Um número reduzido tem mantido contactos com o CIP (19%).

Grande parte dos directores deu as suas sugestões a realizar pelo CIP ou MED de acordo com as necessidades para melhor resolver os seus problemas; Assim uns sugerem que o MED deve preocupar-se mais com os professores (11); que haja mais reciclagens (16) e que o MED envie mais material (10).

De uma maneira geral, todas as escolas têm insuficiências no aspecto material sendo mais notórias a falta de materiais de construção (16) falta de água e canalização (2), falta de casas de banho (7) tudo isto dificulta o trabalho nas escolas e provoca transtornos que se podem repercutir no aproveitamento dos alunos.

Embora muitas escolas se encontrem em estado razoável (23), o número de escolas em estado mau (10) é muito mau, (13) é tão elevado que leva a concluir que o estado geral das mesmas é lamentável. Só uma escola é que se encontra em bom estado.

Em algumas escolas foram feitas melhorias (1),
com a participação da comissão de encarregados de educação (2) Dele-
gado Municipal (3) Provincial (4) Brigades de reparação de escolas (5)

O maior número de aspectos que interferem neste
assunto são a falta de condições sociais, a falta de interesse dos
pais, e os problemas pedagógicos.

2.6. - Opiniões sobre as causas das reprovações

Causas das reprovações por não - aproveitamento - sobre este assunto foram interrogados 47 directores, 156 professores e 118 encarregados de educação.

Nos questionários foram apresentadas 16 perguntas para directores e professores e 12 para encarregados de educação com o fim de indicarem 5 razões essenciais, que tenham contribuído para as reprovações por não - aproveitamento.

Sublinha-se que essas razões indicadas não são necessariamente objectivas mas sim, de pessoal e, portanto, subjectivas.

O resultado dos questionários pode-se visto no anexo II, mapa 19. Este resultado mostra por ordem de prioridade o seguinte:

- | | |
|--|-----|
| 1 - Problemas de saúde e alimentação dos alunos | 81% |
| 2 - Desinteresse por parte dos alunos | 71% |
| 3 - Falta de material didáctico (manuais, cadernos etc.) | 54% |
| 4 - Desinteresse por parte dos pais | 49% |
| 5 - Mau domínio de Língua Portuguesa pelo aluno | 45% |
| 6 - Não cumprimento do programa nas aulas anteriores | 42% |
| 7 - Alto grau de dificuldade das provas e do exame | 31% |
| 8 - Má qualidade do ensino | 20% |

muito no não - aproveitamento.

As outras causas referidas na ficha parecem inferiores embora tratem de algumas razões importantes tendo uma relação estreita com o processo docente-educativo como por exemplo, a "Falta de cooperação Escola-Comunidade", o Pouco apoio pelo GPAP" e a "Falta de controlo e apoio pela direcção da escola". Isso demonstra que os directores e professores não aproveitam devidamente o apoio que a comunidade e as diferentes estruturas sociais e do ensino poderão dar às escolas.

Além das razões analisadas no gráfico uma razão que origina o não aproveitamento e que corresponda a 34% da opinião dos encarregados de educação é a "Necessidade de fazer trabalho em casa".

4.7.- CONCLUSÕES - I NÍVEL

- O rendimento do ensino foi muito prejudicado por causa das desistências e não - aproveitamento. Dos alunos matriculados, apenas metade terminaram a classe com êxito, constatando-se que o maior número de alunos reprovados encontram na 1ª e 2ª classes.

São notórias as insuficiências em Língua Portuguesa na 1ª e 2ª classes e em Matemática na 4ª classe. Entre as províncias, há grandes diferenças percentuais dos alunos que não chegaram ao fim do ano lectivo.

- Sobre o problema das reprovações notou-se que os professores e directores não se encontram muito sensibilizados para dar uma solução a esta questão.
- Constatou-se que a dificuldade que os alunos têm nas provas de exame resulta do incumprimento dos programas e da fraca qualidade do ensino.
- As habilitações literárias e profissionais dos directores e professores são muito baixas e a maioria tem deficiente preparação psico-pedagógica que se reflecte no fraco caracter científico-didáctico das aulas.
- A maioria dos directores tem dificuldades em cumprir com as tarefas pedagógico-didácticas, (controlo do trabalho docente-educativo, particularmente das aulas, supervisão dos professores, etc) e organizativas.
- O facto da maioria dos professores dar as aulas sem ter um plano de aula previamente elaborado e estudado, constitui uma das falhas que muito prejudica o ensino.

- Sobre as experiências profissionais, constatou-se que a maioria dos professores constitui uma geração dos professores muito nova.
- De uma maneira geral, a relação entre professores e alunos só se concretiza dentro das salas de aula.
verificou-se na sua maioria, ^{que} os professores não acompanham os alunos no recreio o que, pedagogicamente está errado.
- O facto das crianças participarem intensamente nas tarefas do lar (carregar água, ir a lavra, pillar a fuba, tomar conta dos produtos a vender, etc.) tem uma grande influência no rendimento escolar.
- O binómio escola-encarregados de educação não se realiza de forma a permitir uma evolução do nível do ensino.
- Constatou-se uma fraca relação entre a escola e a comunidade entre a escola e os órgãos estatais e entre a escola e as organizações de massas e partidárias.
- A relação entre a escola e as estruturas superiores de educação (D.M.E. e G.P.A.P.) é deficiente, visto esta não utilizar essas estruturas competentes para ajudar a resolver e superar os seus problemas.
- Existem, algumas insuficiências em relação ao cumprimento do calendário escolar, do currículo e dos programas, ocasionadas pelo atraso do começo do ano lectivo e dos períodos escolares.
- Além disso, a tardia nomeação dos professores e o excessivo número de faltas diminuem consideravelmente o número real dos dias lectivos.
- O número excessivo de alunos por turma, principalmente nas primeiras classes, dificulta o desenvolvimento das capacidades individuais preconizadas pelos objectivos da educação.

- Há insuficiências e atrasos na distribuição do material didáctico. Há também uma grande falta de programas, manuais, guias e condutas de actividades.
- Embora os alunos possuam cadernos e lápis, verificou-se que muitas escolas não dispõem de mobiliário mínimo (carteiras, secretárias, armários) nem de material para geometria.
- Constatou-se que as escolas não possuem as mínimas condições higiénicas e sanitárias, nem têm cantinas para suavementar a alimentação dos alunos e professores.
- As difíceis condições sociais em que vive a maioria dos alunos, influem negativamente no seu comportamento perante a aprendizagem e reduzem o seu interesse pela escola.
- O facto do aluno não ter condições sócio-económicas que lhe permitam desenvolver o seu nível cultural (falta de bibliotecas e centros de recreação infantil) é agravado pelo mau domínio e pouco uso da Língua Portuguesa.
- Constatou-se que os professores têm muita dificuldade na aquisição de bens alimentares e bens industriais de 1ª necessidade o que faz com que muitas vezes desanimam e mudem de profissão.

3. INVESTIGAÇÕES NOS 11 ANOS DE ESCOLA

3.1. Método de Dados Estatísticos

Nos meses de Março, Abril e Maio de 1963, realizou-se investigação em 16 escolas, sobre o problema das reprovações.

Durante as investigações transmitiu-se com:

- 7 057 alunos
- 349 professores
- 16 directores

de escolas com diversas características, representativas para as condições escolares do país.

O objectivo do inquérito foi de compilar a matéria vinculada às reprovações e avaliá-la quantitativamente. Para o efeito, elaborou-se questionários, com uma estruturação bem nível, dirigidos aos alunos, encarregados de educação, professores e directores (ver anexo II).

Com os questionários, pretendia-se alcançar três (3) objectivos principais que são os seguintes:

- receber dados quantitativos que servissem como base das explicações qualitativas.
- receber dados estatísticos que sublinhassem o problema das reprovações.
- receber uma interpretação objectiva sobre este problema.

Salienta-se que as respostas aos questionários dadas pelos professores e alunos, foram dadas voluntariamente após uma prévia explicação dos seus conteúdos e objectivos.

Pelo facto, muitas das questões não foram respondidas e as escolas contactadas não apresentaram o mesmo número de inquéritos.

3.1.1. ESTATÍSTICA DOS ALUNOS

O ponto de partida deste inquérito é a disposição representativa do material estatístico do ano escolar 1961/62 das escolas es-

coladas. Para o inquérito, utilizou-se dados estatísticos recolhidos de 7052 alunos (3 103 do II nível e 3 949 do III nível), dos quais 3 994 eram repetentes o que corresponde a 56%. (ver fig. 1.1); trabalhou-se directamente com 149 professores, 16 directores e 805 alunos; assistiu-se àulas especialmente de matemática e de língua portuguesa.

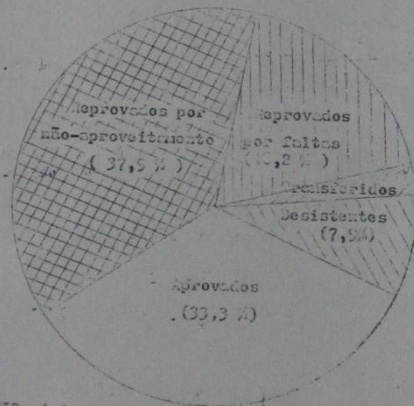


FIG. 1.1

Na fig. 1.1 vê-se a distribuição percentual dos 7 052 alunos matriculados em 1961, sobre as diferentes categorias com interesse para o inquérito, no final do ano escolar e na fig. 1.2 a sua distribuição por classes. (Ver também anexo IV/A1,2).

... Através da fig. 1.2, pode-se reconhecer que em cada classe só $\frac{1}{4}$ dos alunos, por média, atinge o objectivo da classe. Por outro lado, mais de $\frac{1}{4}$ dos alunos abandonam a escola no decorrer do ano lectivo por causa de "reprovações por faltas" ou por "desistência". Isto exige uma investigação das causas destes fenómenos.

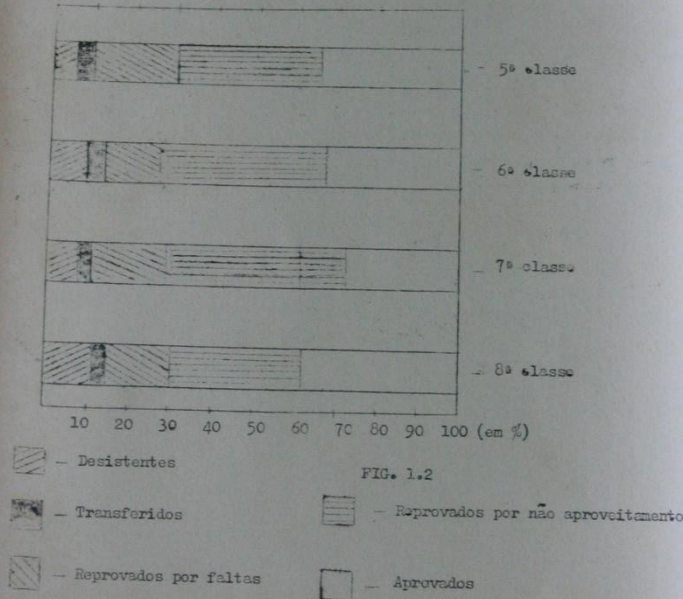


FIG. 1.2

Notável é que nas 5ª e 7ª classes o número de "desistentes" e "reprovados por faltas" é maior do que nas 6ª e 8ª classes. Isto indica que existem problemas nos alunos ao entrarem numa escola dum nível superior.

Maior acumulação do número dos reprovados por não-aproveitamento vê-se nas 6ª e 7ª classes, provavelmente por ser nestas classes onde se aumenta a importância dos conhecimentos das classes anteriores. Como os alunos da 5ª classe são relativamente bem motivados em aprender por encaram nesta classe novas disciplinas, verifica-se nesta classe melhor aproveitamento.

No II nível as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática e no III nível as disciplinas de Línguas Estrangeiras, Física, Matemática e Língua Portuguesa apresentam um número elevado de deficiências.

O contrário acontece com as disciplinas de Ciências da Natureza, no II nível, como também a de Biologia, Química, Geografia e História, no III nível, que apresentam bons resultados.

Verifica-se grandes diferenças entre as Províncias investigadas, especialmente no III nível.

Na Província da Huila tem-se poucas deficiências em Química, Geografia, História, Biologia e Matemática mas há um número elevado de deficiências em Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras e Física.

Nas Províncias de Benguela e Uíge regista-se um balanço mais harmonizado.

Pode-se deduzir que existe uma sobreposição das causas gerais (como por exemplo problemas de organização e direcção das escolas, habilitações literárias, habilitação profissional e experiência profissional dos professores, motivação do aluno, etc.) em relação às causas dentro das disciplinas (por exemplo: qualidade dos programas, qualidade do material didáctico, etc.)

3.1.2. Estatística do corpo docente das escolas contactadas
(selecção sem restrição qualquer)

* número total dos professores nesta parte do inquérito: 200

Mulheres		Homens										sexo
D	Coordenadora	Professores										funções na escola
L.P.		Matem.	C.N.B.	Q	Fic.	S.	Ge.	H.	Lin.	Est.	disciplinas que ensinam	
Angolanos								Cooperantes				

20 40 60 80 100 120 140 160 180 200 (professores)

Fig. 1.5

Durante o inquérito investigou-se, através do Mapa3 (ver anexo III) 200 professores dos quais 1/3 mulheres e 2/3 homens: cerca de 70% destes eram de nacionalidade angolana (ver Fig. 1.5).

Geralmente os professores angolanos investigados tinham como habilitações literárias a 11ª classe e 5 anos de experiência neste ramo (ver Fig. 1.7).

No que diz respeito as habilitações literárias dos professores, existiram diferenças marcantes entre as Províncias visitadas. Em Luanda e na Namíbia a maioria dos professores investigados tinham habilitações literárias bastante altas, enquanto que na Província do Uíge as habilitações literárias eram relativamente baixas (ver Fig. 1.6), ou bem baixa ensinam relativamente muitos Cooperantes (ver também as legendas no anexo IV/CI; CE).

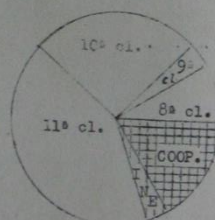
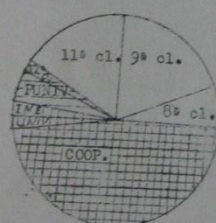
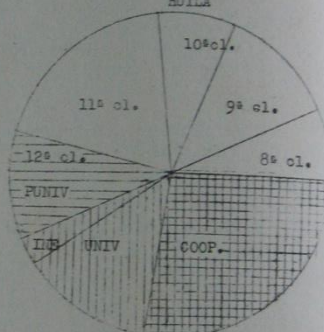
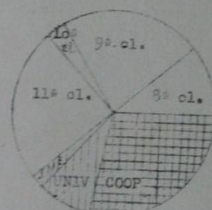
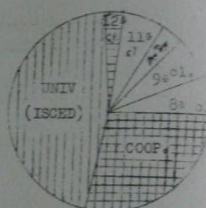
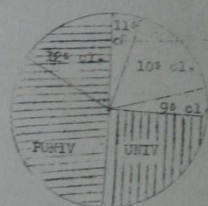


FIG. 1.6. Habilitação literária dos professores (II e III níveis)

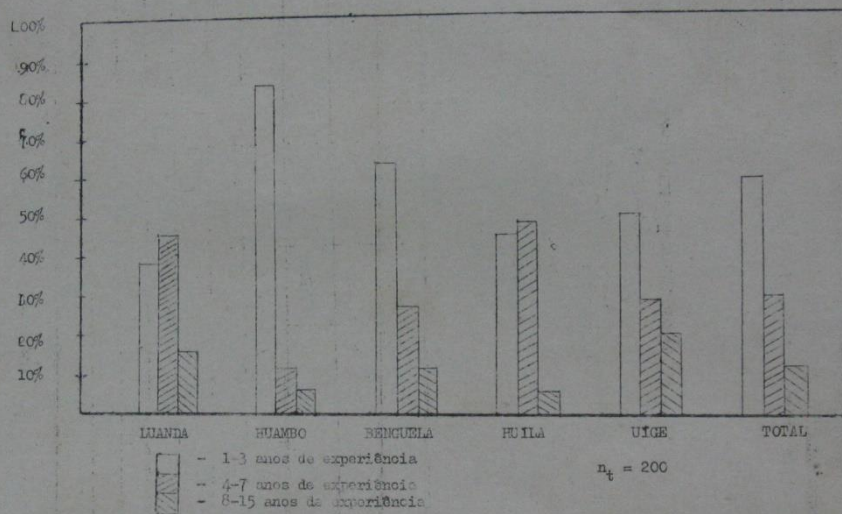


FIG. 1.7 Experiência profissional dos professores (II e III níveis)

-42-
HABILITAÇÃO PROFISSIONAL (N. = 200 PROFESSORES)

Provincia						
Tipo de Habilitaç. Prof.	UNIV. PA.	ENANCO	UCE	UNILA	ENQUELA	TOTAL
ISCEN	/	/	/	5	/	5
INE	6	1	1	1	2	9
UNIVERSIDADE	6	4	/	1	2	13
CURSO TECNICO	/	2	/	/	/	2
CURSO OTOMICO	/	/	/	/	1	1
CURSO INDUSTRIAL	/	/	/	6	/	6
PUNIV	3	/	/	/	3	11
COOPERANTES	/	13	4	9	31	57
SEM HAB. PROF.	6	25	29	9	27	96
TOTAL	24	45	34	31	66	200

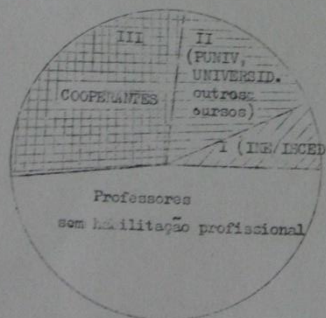


FIG. 1.9 Distribuição das habilitações Prof. do Corpo Docente sobre as categorias: I (INE e ISCEN); II (PUNIV, UNIV., outros Cursos) III (Cooperantes); IV (Sem hab. prof.).

2.3. Aspectos pedagógicos, materiais e sociais

Instalações/mobiliário/ material didáctico

As condições pedagógicas, materiais e sociais têm grande importância para o processo docente-educativo. Elas influem muito no trabalho dos Directores e Professores bem como na aprendizagem dos alunos e, finalmente, no aproveitamento escolar.

Para se verificar as condições materiais, visitaram-se 56 salas e constatou-se o seguinte (ver anexo II, mapa 8). Há quadro preto em 56 salas (são 98%) e todos os professores dispõem de giz, no entanto, só uma minoria de giz a cores. Com isto, pode-se dizer que os professores possuem esse meio didáctico essencial para o seu trabalho pedagógico.

Um problema encontrado é a falta de móveis. Apenas em 35 salas (62 %) existem os móveis necessários. Portanto, muitos alunos sentam-se no chão, em latas ou pedras e têm que escrever nos joelhos. É claro, que desta modo, torna-se muito difícil obter uma boa concentração dos alunos, bem como uma apresentação correcta das tarefas a realizar.

Em geral, os alunos têm os materiais para o trabalho individual (cadernos e lápis) no entanto, não possuem régua, compasso e transferidor, o que impede o cumprimento completo da geometria do programa de Matemática.

Quanto à existência de material didáctico (ver anexo II, mapa 8).

Constatou-se que só 57% dos professores têm programas e portanto muitos não ensinam tendo como base os programas estatais.

A tabela seguinte mostra a percentagem dos professores de cada classe que possuem programas das diferentes disciplinas.

MAPA 3 : Existência do programa (por professores)

Disciplina Classe	LP	M	CI/CI	GEO	HIST
1ª	58%	64%	27%		
2ª	50%	54%	42%		
3ª	71%	71%	71%		
4ª	47%	53%	37%	83%	83%

Um dos meios didáticos mais importantes é o manual. Nem todos os alunos dispõem deste o que dificulta muito a aprendizagem. É de salientar que não se verifica, parência de manuais dentro de uma província, mas sim entre as escolas da mesma província, o que permite concluir que há falhas na distribuição dos mesmos. (Ver quadro que se segue).

MAPA 4: Existência de livros (71 turmas)

	L. Portuguesa			Matemática			C.I./ C.F.			Geografia			História		
	+	-	0	+	-	0	+	-	0	+	-	0	+	-	0
1ª	64%	18%	18%	64%	18%	18%									
2ª	50%	17%	33%	50%	25%	25%	54%	25%	21%						
3ª	65%	18%	17%	65%	21%	14%	71%	24%	5%						
4ª	32%	42%	26%	42%	37%	21%	80%	11%	9%	74%	11%	15%	74%	16%	10%

Legenda: (+) todos os alunos possuem livros

(-) Nenhum aluno possui livro

(0) Alguns alunos possuem livros

O problema é mais grave na 4ª classe.
Nesta classe constata-se que há mais falta de manuais e programas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Além disso a maioria dos professores desta classe não dispõem de guias. Verificamos que só existem 11% de Língua Portuguesa e Ciências da Natureza.

Os de Matemática ainda não foram distribuídos às escolas.

A falta de Guias é um problema geral, como se vê pela tabela seguinte:

MAPA 5: Existência de Guias (71 professores)

Disciplina Classe	LP	M	CT/DT	GEO	Hist.
1ª	27%	31%	31%		
2ª	38%	33%	33%		
3ª	53%	55%	55%		
4ª	11%	0%	11%	16%	16%

Distribuição por turmas

Quanto à frequência dos alunos verifica-se que a média é de 39,9% por turma (ver anexo, mapa 10). Este número não é muito elevado, mas o problema reside no facto de exis-

tiram muitas turmas com mais de 60 alunos particulares (na estatística foram encontradas 24 turmas) e o máximo número de alunos numa turma é de 96.

No decorrer do ano lectivo por causa das desistências e transferências o número de alunos diminui mas a oportunidade de alterar a constituição das turmas com o fim de equilibrar o número de alunos por turma não é aproveitada.

A frequência média de alunos por turma em cada classe é a seguinte:

1ª classe 45,8 alunos,

2ª classe 38,6 alunos,

3ª classe 40,1 alunos

4ª classe 37,6 alunos

O número de alunos por turma na 1ª classe é bastante elevado. Para o professor docente-educador constitui um problema, dado que é na 1ª classe que se lançam as bases para o ensino.

O desenvolvimento do número de alunos por turma de classe a classe e as diferenças entre as profissões vê-se no gráfico seguinte:

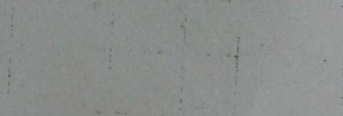
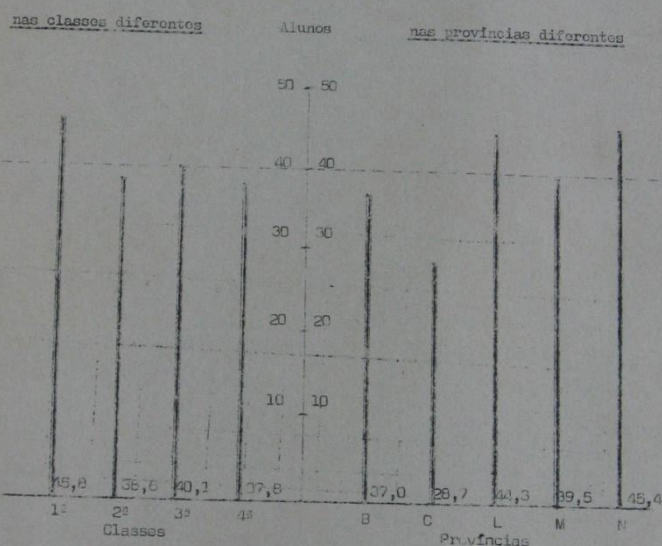


Gráfico 6:
Frequência média por turma



Legenda: B- Benguela, C- Cabinda, L- Luanda, M- Malanje,
N- Namibe

Os dados seguintes reflectem a média de alunos
por turma nas províncias visitadas:

Benguela	(33 turmas)	- 37,0	alunos p.c. turma
Cabinda	(16 turmas)	- 28,7	" p.c. "
Luanda	(37 turmas)	- 44,3	" p.c. "
Malanje	(19 turmas)	- 39,5	" p.c. "
Namibe	(23 turmas)	- 45,4	" p.c. "
Total	(128 turmas)	- 39,9	" p.c. "

Como se vê, a frequência mais elevada constata-se na
capital do país e no Namibe.

Idade dos alunos

Um dos problemas analisados foi a idade dos alunos. O ideal seria que os alunos terminassem o I nível com 10 anos de idade. Mas a realidade é outra, pois tem havido todos os anos alunos que repetem as várias classes.

Já a entrada para a escola (iniciação) realiza-se numa idade avançada como mostra a tabela seguinte (foram interrogados 140 alunos e 87 deles responderam à pergunta respectiva).

MAPA 6: Idade dos alunos à entrada para a escola

Idade da entrada para a escola em anos	4	5	6	7	8	9	10	11	12	Som.
Número de alunos que entraram para a escola com esta idade	1	12	22	19	14	11	5	1	2	87
Porcentagem	1%	14%	25%	22%	16%	13%	6%	1%	2%	100 %
	40%			60%						

Só 40% das crianças entram para a escola (iniciação) com 6 anos de idade.

O resto tem de 7 a 12 anos de idade. Com certeza, isto provoca muitas dificuldades psicológicas quer na iniciação, quer nos anos escolares seguintes.

Foi feita uma estatística sobre a idade dos alunos de cada classe. Esta estatística tem o inconveniente de apresentar os dados só até aos 14 anos, entretanto sabe-se que há alunos mais velhos a frequentar o I nível (ver anexo II mapa 11).

O gráfico seguinte reflecte a relação entre os alunos numa idade de 6 ou 7 anos na 1ª classe, até 8 anos na 2ª, até 9 anos na 3ª e até 10 anos na 4ª classe e os alunos mais velhos em cada classe:

Gráfico 7: Distribuição dos alunos segundo a idade (n = 20661 alunos)

<u>1ª Classe:</u>	26,1%	63,7%
	6 ou 7 anos	mais que 7 anos
<u>2ª Classe:</u>	18,6%	81,4%
	até 8 anos	mais que 8 anos
<u>3ª Classe:</u>	17,3%	82,9%
	até 9 anos	mais que 9 anos
<u>4ª Classe:</u>	12,4%	87,3%
	até 10 anos	mais que 10 anos

Os principais métodos utilizados foram os métodos expositivo (75%) e interrogativo (65%). Pela utilização do primeiro pressupõe-se que a criança é meramente passiva pois o professor expõe as suas ideias já "pré-fabricadas" e não leva o aluno a participar na redescoberta. Este método torna a aprendizagem menos racional, menos interessante e por isso menos proveitosa. Utilizando o segundo método, o aluno terá que fazer das ideias do seu professor as suas, e neste caso utiliza a memorização (quase sempre sem compreensão).

Esta atitude não leva ao raciocínio e para certas disciplinas não se ajusta.

Notam-se também erros que tendem a vulgarizar-se no processo de aprendizagem:

- o facto dos professores não utilizarem o modo simultâneo - individualizado, faz com que as perguntas não sejam dirigidas à classe, mas apenas a um aluno, - só o indicado é que pensa na pergunta formulada e consequentemente na resposta a dar, ficando o resto da classe distraída.

- o facto do professor começar a frase e o aluno terminar, de uma forma mecanizada, estimula apenas a memorização e não o raciocínio.

- o facto dos alunos darem em coro várias respostas que carecem de individualização.

maioria, preferiu a Matemática (41,2%), seguindo-se a Língua Portuguesa (29,4%).

Porque é que o aluno estuda? Esta questão registra-nos que dos 140 alunos entrevistados 48 responderam que é para aprender e 18 porque gostam.

Continuando com a mesma análise pode-se adiantar que 52 quiseram estudar e 7 foram obrigados.

Sobre a relação professor-aluno, 101 relacionam-se com o professor só na escola e 12 também fora da escola.

Quanto à presença dos professores durante as horas de intervalo nos campos de recreio, orientando os alunos, pode-se referir que 35 acompanham os alunos no recreio e 42 não acompanham.

Dos 140 alunos entrevistados, 19 falam só português, 45 falam português e uma língua nacional.

Sobre a dificuldade das provas de exame, 67 alunos acham que foram difíceis, 45 acham que foram grandes, 20 que foram fáceis, 1 que foram pequenas.

No que diz respeito ao interesse que os encarregados de educação têm pela vida escolar dos seus filhos, 51 encarregados de educação ajudam os filhos, 17 não ajudam, 113 querem que os filhos andem na escola e 2 não querem que os filhos andem na escola.

Os problemas, saúde, higiene, alimentação foram analisados no inquérito. Concluiu-se através das respostas dadas que nenhuma escola tem cantina. Quanto ao problema da higiene, pode-se verificar que dos 140 alunos entrevistados 57 têm casas de banho e 25 não têm. Quanto à limpeza das mesmas há uma grande diferença entre as casas de banho sujas que são 45 e as limpas que são só 8. No que diz respeito à limpeza das salas, verifica-se que as salas são limpas por ordem decrescente por alunos, continuas, alunos ajudados pelo professor, etc.

A maior parte dos alunos entrevistados mora perto da escola (102 alunos) e outros (32) moram longe. Sobre a assiduidade, na sua maioria aos alunos a quem foi posta esta questão são assíduos.

Sobre a necessidade de fazer trabalhos de casa pode-se ver que quase todos os alunos têm esta necessidade (115 alunos). Entretanto a maioria dos alunos que responderam à pergunta: "Tens muito tempo livre para estudar?", verificamos que 74 responderam afirmativamente e 19 não. Alguns alunos estudam com os irmãos, outros sozinho. Esses alunos, na sua maioria, estudam em casa dos pais. Depois de estudar, alguns alunos brincam (62) outros não (17).

Sobre a questão: "Diz o que gostarias que fizessem na tua escola, podemos ver que a maioria dos alunos queriam, por ordem de preferência: uma cantina (56 alunos), que arranjasse a escola (25 alunos), que fizessem casas de banho, etc.

2.5.2.- Entrevista aos professores

As entrevistas aos 81 professores deram resultados que nos permitem verificar as dificuldades com que os mesmos se debatem ao longo da sua actividade docente-educativa. (ver anexo II, mapas 17 - I e 17 II)

Segundo a opinião dos professores, o maior número de alunos desistem por desinteresse e outros porque têm problemas de alimentação e saúde. Muitos professores não sabem indicar os motivos.

No que diz respeito às reprovações por não aproveitamento poder-se-á consultar o capítulo 4.6. (-Opiniões sobre as causas das reprovações".

Como "medidas tomadas pelo professor para evitar as reprovações" anota-se que a maioria dessas medidas (43) consistem em reunir com os pais dos alunos e que as restantes se baseiam em: envio aos pais de um aviso de comparecimento (3), visitas às aldeias e mais visitas de inspecção e outras.

Existe uma grande carência de material didáctico, visto que dos inquiridos (26) pedem guias, (19) manuais, (12) programas e livros de pedagogia e didáctica, para além de outros materiais. Quase metade dos inquiridos (41) responderam que os materiais são suficientes e específicos (40) responderam que os materiais não são suficientes, (25) acham que não são específicos.

Sobre as tarefas de casa, verificou-se que os alunos de uma forma geral cumprem com as mesmas (48), sendo 6 os que não cumprem. Entretanto, alguns não responderam a esta questão (27)

Constata-se que os inquiridos exigem material didáctico (30), rotulagens (34) guias para o professor (18) manuais e programas (22), seminários (16).

No que se refere às questões, "Você já fez o seu material didático", os inquiridos, (23) responderam que sim e (32) que não e a relação dos os alunos é toda exclusivamente dentro da escola." (21) responderam que sim e (25) que não. Podemos concluir que embora o maior número tenha respondido não, também muitos inquiridos não responderam esta pergunta (25).

Pode-se verificar que 80 professores fazem planificação semanal e (19) individual. Quem coordena essas planificações são os coordenadores de disciplina (26), os professores baseados no plano modelo (11) e os directores da escola (7). Dos professores entrevistados só (11) apresentaram o plano de aula e (54) não o fizeram. Por estes resultados pode-se concluir que isto em nada concorrerá para o bom andamento do ensino.

Verifica-se que a maior parte dos professores (24) dedicam essencialmente menos de 2 horas à preparação das aulas, 12 de 2 a 3 horas e em 25 inquiridos não aparece essa pergunta, dando-se a concluir que é muito realizado e não os professores que têm a preocupação de preparar as suas lições.

Os professores preparam as aulas em casa (14) e na escola (14) mas a maioria não responde a essa pergunta porque não foi convenientemente posta ou porque a ficha não a possuía.

Constata-se que se tem feito algum trabalho com encarregados da educação pois dos 81 inquiridos, 50 reúnem com os pais, que à juntar-se as visitas domiciliárias participação à direcção (1) mais de metade dos inquiridos tem consciência da necessidade de ligação escola - encarregados da educação.

Grande parte dos professores dá trabalho para casa (73) e só 8 não o fazem. Com esta medida eles pretendem obrigar os alunos a estudar e conseguem melhor aproveitamento dos alunos.

Feita a análise da - "Os alunos mostram interesse pela escola e pelo saber", pode-se concluir que 43 alunos interessam-se pela escola, e 19 pelo aprender. Entretanto concluiu-se também que 6 alunos não mostram interesse pela escola e 26 pelo aprender

pergunta.

Da análise das respostas à pergunta". Porque é professor? Concluiu-se que a maioria (39) são professores por vocação, outros (17) dão aulas para seguirem as instruções do Partido e do Governo, (...)

mta.

Verifica-se que quase não houve superação, pois dos 81 inquiridos (24) responderam que não houve superação⁸(26) fizeram seminários.

2.5.3.- Entrevista aos directores

Foram inquiridos 57 directores de escolas (ver anexo II, Mapa 10 I e II) tendo-se constatado que 37% dos elementos inquiridos, tem idade compreendida entre 25 a 30 anos; 33% têm idade superior a 30 anos.

Quanto a anos de serviço como professor, 24 (42%) já leccionavam antes da independência e 56% foram nomeados após a independência. Portanto, eles dispõem de experiências profissionais de muitos anos.

No que se refere a anos de experiência como director, grande parte, 39 têm 1 ou 2 anos de serviço, 24 têm mais de 2 anos de experiência.

Como habilitações literárias 43% dos directores têm a 8ª classe, 23 % a 6ª classe e 19% a 7ª classe.

Para além de responsável da escola, pode-se constatar que alguns directores têm outras ocupações. Destas ocupações são notáveis as de estudante (23%) e colaboradores docentes (14%).

Os directores pouco se tem preocupado com o problema das reprovações pois dos 57 inquiridos, 9 reuniram-se com os professores; 7 reuniram-se com os encarregados de educação, 8 sensibilizaram os alunos através de reuniões, 7 participaram através de relatórios às estruturas competentes. Outras atitudes tomadas podem ser consultadas no Mapa em anexo. No entanto, 10 não compreenderam a pergunta e 19 não responderam, pois não têm uma relação estreita com o assunto.

A má relação que os directores têm com este problema é notória pelo facto de que só 13 expuseram o assunto aos organismos superiores.

Os directores acerca das desistências dos alunos que frequentaram a escola são da opinião que grande parte das desistências devem-se a problemas sociais de várias ordens (20), seguindo-se os que desistem por conflitos familiares (12); o êxodo rural e a doença ocupam o mesmo lugar (9).

Pode-se constatar que alguma coisa já foi feita no sentido de minimizar este problema, pois dos 57 inquiridos, alguns já tiveram a iniciativa de fazer reuniões (15) fazer visitas domiciliárias (1) e contactos com outros organismos p. ex. JMPLA/JP (2). Estas reuniões e contactos foram feitos com os pais (11) com os alunos (3) Delegação Provincial (2).

Só alguns Directores acompanham as actividades dos professores assistindo a aulas e ajudando a planificar. É de salientar que 19 não entenderam e não responderam de acordo com a pergunta. Consta-se que os Directores das escolas dão muito pouca importância a este tipo de controlo. No ano lectivo passado, 43% dos directores não assistiram a aulas nenhuma, 31% dos directores assistiram a mais de 10 aulas.

O trabalho realizado entre os directores e os órgãos estatais e de massa é deficiente., 5 fizeram reuniões, 2 têm representações da OPA e da JMPLA/JP e 2 têm comissão de encarregados de educação, 36 não entenderam a questão e deram respostas que não tinham relação com o assunto. A OPA já organiza actividades em 13 escolas e tem boa participação na vida escolar em 11 escolas, 63% dos directores disseram que o calendário escolar não foi cumprido por razões várias entre elas por atraso do início do ano lectivo e por falta de professores.

Para a superação dos professores, os directores não fizeram muito. Não consideram a reciclagem como tarefa importante do director da escola e a troca de experiências ainda não faz parte integrante do trabalho do director. Fizem algumas reuniões aos sábados de manhã com professores.

Foram quase nulas as medidas tomadas pela D.P.E. para a superação dos directores.

No inquérito os directores tinham a tarefa de referir outros problemas que influíram no processo docente-educativo. Embora este assunto seja muito importante, grande parte não se referiu a ele (48), e só uma minoria disse que a falta de preparação pedagógica (2) as faltas excessivas (2), e outros motivos (5) tem influenciado o processo docente-educativo.

Muitos directores sabem o que é o CIP. 68% dos directores sabem para que serve. Um número reduzido tem mantido contactos com o CIP (19%).

Grande parte dos directores deu as suas sugestões a realizar pelo CIP ou MED de acordo com as necessidades para melhor resolver os seus problemas; Assim uns sugerem que o MED deva preocupar-se mais com os professores (11); que haja mais reciclagens (16) e que o MED envie mais material (10).

De uma maneira geral, todas as escolas têm insuficiências no aspecto material sendo mais notórias a falta de materiais de construção (16) falta de água e canalização (2), falta de casas de banho (7) tudo isto dificulta o trabalho nas escolas e provoca transtornos que se podem repercutir no aproveitamento dos alunos.

Embora muitas escolas se encontrem em estado razoável (23), o número de escolas em estado mau (10) é muito mau, (13) é tão elevado que leva a concluir que o estado geral das mesmas é lamentável. Só uma escola é que se encontra em bom estado.

Em algumas escolas foram feitas melhorias (1),
com a participação da comissão de encarregados de educação (2) Dele-
gado Municipal (3) Provincial (4) Brigades de reparações de escolas (5)

O maior número de aspectos que interferem neste
assunto são a falta de condições sociais, a falta de interesses dos
pais, e os problemas pedagógicos.

2.6. - Opiniões sobre as causas das reprovações

Causas das reprovações por não - aproveitamento - sobre este assunto foram interrogados 47 directores, 156 professores e 118 encarregados de educação.

Nos questionários foram apresentadas 16 perguntas para directores e professores e 12 para encarregados de educação com o fim de indicarem 5 razões essenciais, que tenham contribuído para as reprovações por não - aproveitamento.

Sublinha-se que essas razões indicadas não são necessariamente objectivas mas sim, de pessoal e, portanto, subjectivas.

O resultado dos questionários pode-se visto no anexo II, mapa 19. Este resultado mostra por ordem de prioridade o seguinte:

- | | |
|--|-----|
| 1 - Problemas de saúde e alimentação dos alunos | 81% |
| 2 - Desinteresse por parte dos alunos | 71% |
| 3 - Falta de material didáctico (manuais, cadernos etc.) | 54% |
| 4 - Desinteresse por parte dos pais | 49% |
| 5 - Mau domínio de Língua Portuguesa pelo aluno | 45% |
| 6 - Não cumprimento do programa nas aulas anteriores | 42% |
| 7 - Alto grau de dificuldade das provas e do exame | 31% |
| 8 - Má qualidade do ensino | 20% |

muito no não - aproveitamento.

As outras causas referidas na ficha parecem inferiores embora tratem de algumas razões importantes tendo uma relação estreita com o processo docente-educativo como por exemplo, a "Falta de cooperação Escola-Comunidade", o Pouco apoio pelo GPAP" e a "Falta de controlo e apoio pela direcção da escola". Isso demonstra que os directores e professores não aproveitam devidamente o apoio que a comunidade e as diferentes estruturas sociais e do ensino poderão dar às escolas.

Além das razões analisadas no gráfico uma razão que origina o não aproveitamento e que corresponda a 34% da opinião dos encarregados de educação é a "Necessidade de fazer trabalho em casa".

4.7.- CONCLUSÕES - I NÍVEL

- O rendimento do ensino foi muito prejudicado por causa das distúrbios e não - aproveitamento. Os alunos matriculados, apenas metade terminaram a classe com êxito, constatando-se que o maior número de alunos reprovados encontram na 1ª e 2ª classes.
- São notórias as insuficiências em Língua Portuguesa na 1ª e 2ª classes e em Matemática na 4ª classe. Entre as províncias, há grandes diferenças percentuais dos alunos que não chegaram ao fim do ano lectivo.
- Sobre o problema das reprovações notou-se que os professores e directores não se encontram muito sensibilizados para dar uma solução a esta questão.
- Constatou-se que a dificuldade que os alunos têm nas provas de exame resulta do incumprimento dos programas e da fraca qualidade do ensino.
- As habilitações literárias e profissionais dos directores e professores são muito baixas e a maioria tem deficiente preparação psico-pedagógica que se reflecte no fraco carácter científico-didáctico das aulas.
- A maioria dos directores tem dificuldades em cumprir com as tarefas pedagógico-didácticas, (controlo do trabalho docente-educativo, particularmente das aulas, supervisão dos professores, etc) e organizativas.
- O facto da maioria dos professores dar as aulas sem ter um plano de aula previamente elaborado e estudado, constitui uma das falhas que muito prejudica o ensino.

- Há insuficiências e atrasos na distribuição do material didáctico. Há também uma grande falta de programas, manuais, guias e condutores de actividades.
- Embora os alunos possuam cadernos e lápis, verificou-se que muitas escolas não dispõem de mobiliário mínimo (carteiras, secretárias, armários) nem de material para geometria.
- Constatou-se que as escolas não possuem as mínimas condições higiénicas e sanitárias, nem têm cantinas para suavementar a alimentação dos alunos e professores.
- As difíceis condições sociais em que vive a maioria dos alunos, influem negativamente no seu comportamento perante a aprendizagem e reduzem o seu interesse pela escola.
- O facto do aluno não ter condições sócio-económicas que lhe permitam desenvolver o seu nível cultural (falta de bibliotecas e centros de recreação infantil) é agravado pelo mau domínio e pouco uso da Língua Portuguesa.
- Constatou-se que os professores têm muita dificuldade na aquisição de bens alimentares e bens industriais de 1ª necessidade o que faz com que muitas vezes desanimam e mudem de profissão.

3. INVESTIGAÇÕES NOS 11 DE SETEMBRO.1. Movimento de Dados Estatísticos

Nos meses de Março, Abril e Maio de 1963, realizou-se investigação em 16 escolas, sobre o problema das reprovações.

Durante as investigações transmitiu-se com:

- 7 057 alunos
- 349 professores
- 16 directores

de escolas com diversas características, representativas para as condições escolares do país.

O objectivo do inquérito foi de compilar a matéria vinculada às reprovações e avaliá-la quantitativamente. Para o efeito, elaborou-se questionários, com uma estruturação bem nível, dirigidos aos alunos, encarregados de educação, professores e directores (ver anexo II).

Com os questionários, pretendia-se alcançar três (3) objectivos principais que são os seguintes:

- receber dados quantitativos que servissem como base das explicações qualitativas.
- receber dados estatísticos que sublinhassem o problema das reprovações.
- receber uma interpretação objectiva sobre este problema.

Salienta-se que as respostas aos questionários dadas pelos professores e alunos, foram dadas voluntariamente após uma prévia explicação dos seus conteúdos e objectivos.

Pelo facto, muitas das questões não foram respondidas e as escolas contactadas não apresentaram o mesmo número de inquéritos.

3.1.1. ESTATÍSTICA DOS ALUNOS

O ponto de partida deste inquérito é a disposição representativa do material estatístico do ano escolar 1961/62 das escolas es-

coladas. Para o inquérito, utilizou-se dados estatísticos recolhidos de 7052 alunos (3 103 do II nível e 3 949 do III nível), dos quais 3 994 eram repetentes o que corresponde a 56% (ver fig. 1.1); trabalhou-se directamente com 149 professores, 16 directores e 805 alunos; assistiu-se àulas especialmente de matemática e de língua portuguesa.

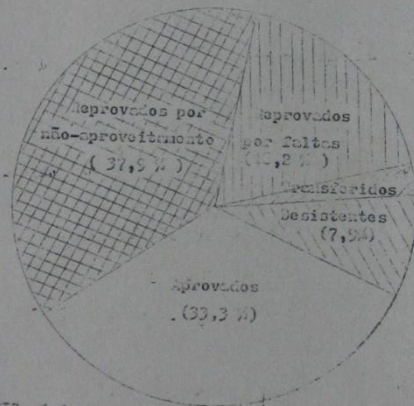


FIG. 1.1

Na fig. 1.1 vê-se a distribuição percentual dos 7 052 alunos matriculados em 1961, sobre as diferentes categorias com interesse para o inquérito, no final do ano escolar e na fig. 1.2 a sua distribuição por classes. (Ver também anexo IV/A1,2).

... Através da fig. 1.2, pode-se reconhecer que em cada classe só $\frac{1}{4}$ dos alunos, por média, atinge o objectivo da classe. Por outro lado, mais de $\frac{1}{4}$ dos alunos abandonam a escola no decorrer do ano lectivo por causa de "reprovações por faltas" ou por "desistência". Isto exige uma investigação das causas destes fenómenos.

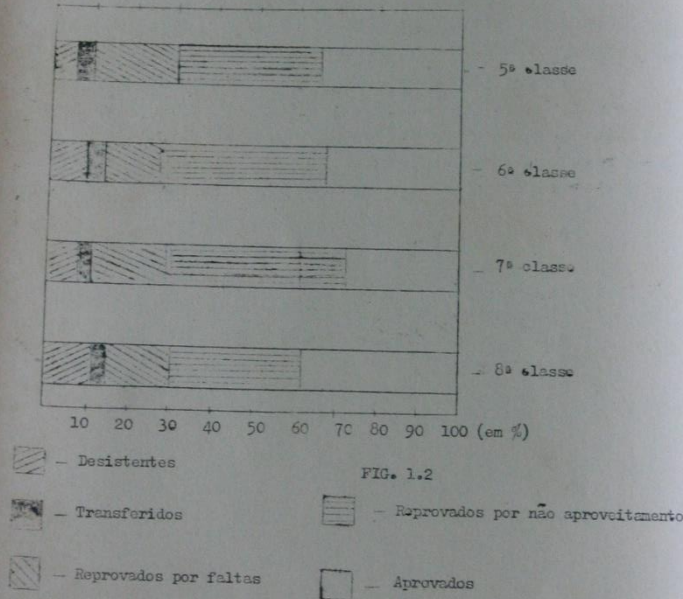


FIG. 1.2

Notável é que nas 5ª e 7ª classes o número de "desistentes" e "reprovados por faltas" é maior do que nas 6ª e 8ª classes. Isto indica que existem problemas nos alunos no entrarem numa escola dum nível superior.

Maior acumulação do número dos reprovados por não-aproveitamento vê-se nas 6ª e 7ª classes, provavelmente por ser nestas classes onde se aumenta a importância dos conhecimentos das classes anteriores. Como os alunos da 5ª classe são relativamente bem motivados em aprender por encaram nesta classe novas disciplinas, verifica-se nesta classe melhor aproveitamento.

De acordo com o número de aprovações da 3ª classe, pode-se pressupor que os "exames finais" não têm sido uma das causas principais do elevado índice de reprovações. As Fig. 1.3 e 1.4 mostram a distribuição percentual dos números de deficiências nas disciplinas, separadas por níveis e Provincias (ver também anexo IV/B1;B2)

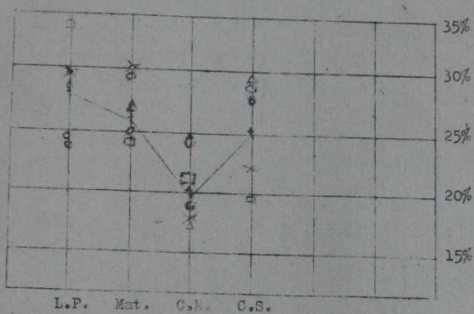


FIG. 1.3 Distribuição das deficiências nas disciplinas do II nível

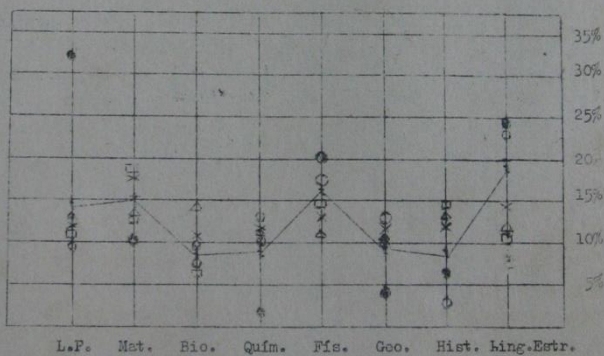


FIG. 1.4 Distribuição das deficiências nas disciplinas do III nível

○ - Uíge △ - Benguela □ - Huambo × - Lunda ● - Huila t-méu total

(* sobre as disciplinas FMP e EVP falta material representativo; estas disciplinas não foram ensinadas em todas as escolas)

No II nível as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática e no III nível as disciplinas de Línguas Estrangeiras, Física, Matemática e Língua Portuguesa apresentam um número elevado de deficiências.

O contrário acontece com as disciplinas de Ciências da Natureza, no II nível, como também a de Biologia, Química, Geografia e História, no III nível, que apresentam bons resultados.

Verifica-se grandes diferenças entre as Províncias investigadas, especialmente no III nível.

Na Província da Huila tem-se poucas deficiências em Química, Geografia, História, Biologia e Matemática mas há um número elevado de deficiências em Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras e Física.

Nas Províncias de Benguela e Uíge regista-se um balanço mais harmonizado.

Pode-se deduzir que existe uma sobreposição das causas gerais (como por exemplo problemas de organização e direcção das escolas, habilitações literárias, habilitação profissional e experiência profissional dos professores, motivação do aluno, etc.) em relação às causas dentro das disciplinas (por exemplo: qualidade dos programas, qualidade do material didáctico, etc.)

3.1.2. Estatística do corpo docente das escolas contactadas
(selecção sem restrição qualquer)

* número total dos professores nesta parte do inquérito: 200

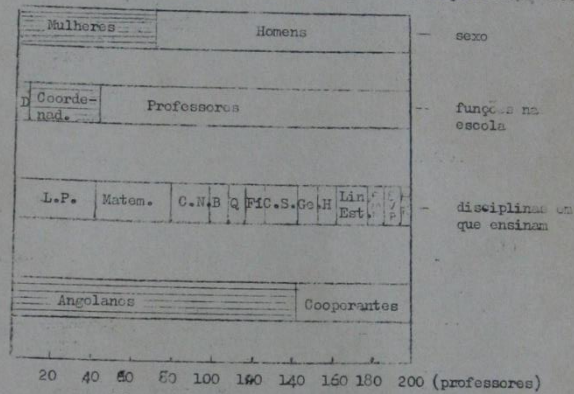


Fig. 1.5

Durante o inquérito investigou-se, através do Mapa3 (ver anexo III) 200 professores dos quais 1/3 mulheres e 2/3 homens: cerca de 70% destes eram de nacionalidade angolana (ver Fig. 1.5).

Geralmente os professores angolanos investigados tinham como habilitações literárias a 11ª classe e 5 anos de experiência neste ramo (ver Fig. 1.7).

No que diz respeito as habilitações literárias dos professores, existiram diferenças marcantes entre as Províncias visitadas. Em Luanda e na Namíbia a maioria dos professores investigados tinham habilitações literárias bastante altas, enquanto que na Província do Uíge as habilitações literárias eram relativamente baixas (ver Fig. 1.6), ou bem baixa ensinam relativamente muitos Cooperantes (ver também as legendas no anexo IV/CI; CE).

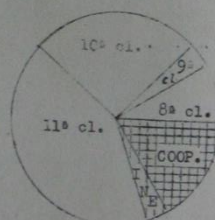
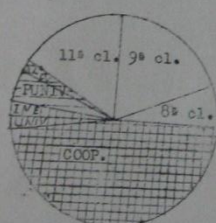
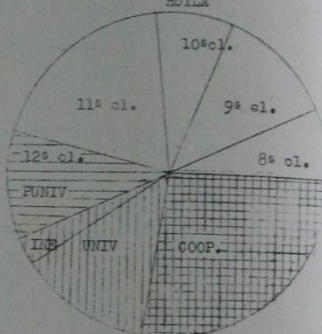
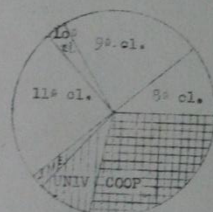
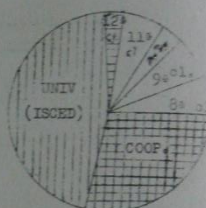
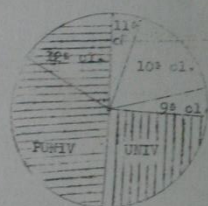


FIG. 1.6. Habilitação literária dos professores (II e III níveis)

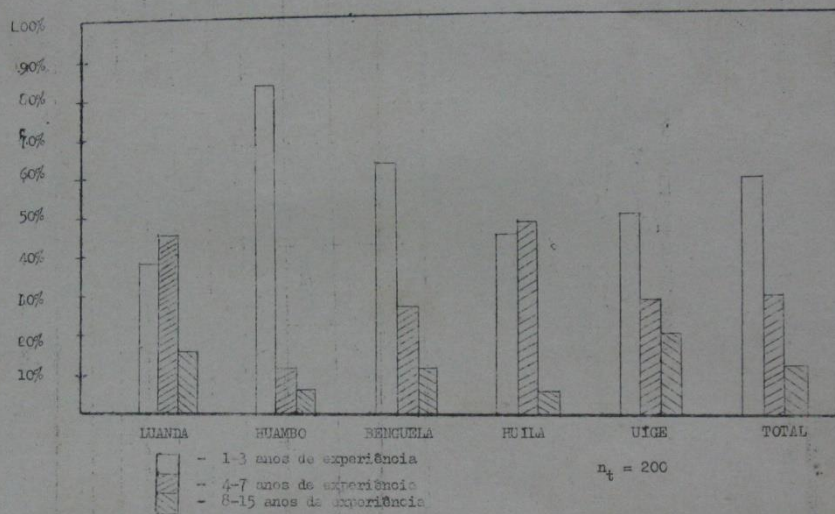


FIG. 1.7 Experiência profissional dos professores (II e III níveis)

HABILITAÇÕES PROFissionais (n. = 200 PROFESSORES)

Provincia	ESALTA	ENABCO	UCE	ENILA	ENQUELA	TOTAL
Tipo de habilitaç. Prof.						
ISCEM	/	/	/	5	/	5
INE	6	1	1	1	2	9
UNIVERSIDADE	6	4	/	1	2	13
CURSO ENCOARCO	/	2	/	/	/	2
CURSO OCTÁVICO	/	/	/	/	1	1
CURSO INDUSTRIAL	/	/	/	6	/	6
PUNIV	3	/	/	/	3	11
COOPERANTES	/	13	4	9	31	57
SEM HAB. PROF.	6	25	29	9	27	96
TOTAL	24	45	34	31	66	200

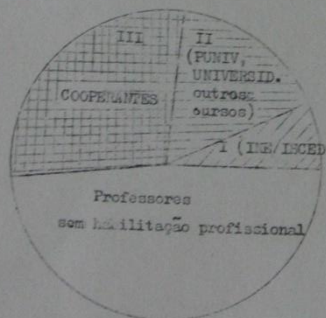


FIG. 1.9 Distribuição das habilitações Prof. do Corpo Docente sobre as categorias: I (INE e ISCEM); II (PUNIV, UNIVERSID. outros cursos) III (Cooperantes); IV (Sem hab. prof.).

5.1.3. SITUAÇÃO DAS ESCOLAS VISITADAS

As condições materiais em que se encontram as escolas, a qualidade do edifício e o equipamento das salas, assim como as condições didáctico-pedagógicas em que os professores trabalham e a existência de material didáctico tanto para os alunos como para os professores, também tiveram uma especial atenção neste inquérito.

Das escolas visitadas durante o inquérito (ver Fig. 1.5.), constatou-se que quase todas tinham o mobiliário escolar em suficiente quantidade e num razoável estado de conservação, exceptuando-se os quadros pretos que na maioria das escolas encontravam-se em mau estado.

ESCOLA	NÍVEL	PROVÍNCIA	LOCALIDADE	OMS.
Cte. Massange	III	Benguela	Benguela	
Major Saldy Mingas	III	Benguela	Lobito	
_____	II	Benguela	Catumbela	
_____	II	Benguela	Boia Farta	
27 de Março	III	Buía	Lubango	
12 de Dezembro	II	Buía	Lubango	
10 de Dezembro	III	Buía	Lubango	Escola do campo c/ internato
Cte. Cika	II	Buía	Chibila	" "
Cte. Dala	III	Bumbe	Bumbe	
Cte. Danguereux	II	Bumbe	Bumbe	
Ndola Randumba	II	Bumbe	Bumbe	
_____	III	Uíge	Uíge	
_____	II	Uíge	Uíge	
_____	III	Uíge	Santa-Pomba	Escola do campo c/ internato
Luta ya Levele	II/III	Luanda	Luanda	Visitadas por elementos do
Mzinga Abandi	II/III	Luanda	Luanda	C. Inspeção

Fig. 1.5. Escolas Visitadas
As escolas do II nível tinham bastante dificuldades em ma-

teriais didácticos. O mesmo aconteceu com a escola do III nível de Banzo-Pombo onde não havia as mínimas condições para o ensino das disciplinas de Física, Química e Biologia.

Nas escolas não situadas nas capitais das Províncias verificou-se a carência de manuais e guias e materiais para o trabalho individual do aluno (régua, esquadro, compasso, transferidor ...).

Quanto às condições sanitárias, constatou-se graves problemas ocasionados em grande parte pela falta de ordem e limpeza - com maior realce para as escolas de Luanda, Uíge e Benguela por falta de água (Luanda, Huíla).

De um modo geral, verificou-se um bom comportamento disciplinar dos alunos, na aula, exceptuando-se as das escolas de Benguela e Uíge.

O número de alunos por turma é um outro aspecto que não passou despercebido neste inquérito.

PROVÍNCIA	5ª		6ª		7ª		8ª		média total			
	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A - B	ab
LUANDA	40,6	29,6	44	37	46,2	32,9	42,9	32,4	44,5	32,7	11,8	26,5
NUANO	39	25,6	43,3	36,7	38,5	20	40,8	30,5	40,6	28,9	11,7	28,6
UÍGE	61,6	52,4	53	30,3	44,2	30,2	42,7	30,7	51	37,3	13,7	26,9
HUÍLA	37	28,8	24	19	35	27,5	29,5	26,5	32,4	26,1	6,3	19,4
BENGUELA	46,8	28,4	56,8	38	34,3	25	44	26,8	46,1	29	17,1	37,1
TOTAL	45,6	31,6	47	34,4	3,8	30,5	42,4	30	41,4	29,1	12,3	29,7

FIG. 1.10 Frequência de classes nas Províncias

A: número dos alunos matriculados por turma

B: número dos alunos que chegaram ao fim do ano por turma

Se se observa a FIG. 1.10 - que ilustra o número de alunos matriculados inicialmente e os que chegaram ao fim do ano lectivo por turma -

-pode-se verificar que com excepção da Província de Rufio, as demais apresentam mais de 40 alunos matriculados inicialmente, como se vê.

Pode-se constatar também - analisando a diferença - -
- que quanto mais alunos tiver a turma inicialmente, mais elevada é a percentagem de alunos que não chegou ao fim do ano lectivo.

2. CAUSAS PARA AS REPOVAZ.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Teoricamente, as causas para deficiências no desenvolvimento da capacidade de aprendizagem real dos alunos, podem ser factores interiores ou em relação a estes.

Nesta base, podem-se classificar as causas para as deficiências da seguinte maneira:

Isto indica que em cada classe só $\frac{1}{3}$ dos alunos, por média, atinge o objectivo da classe. Por outro lado, mais de $\frac{1}{3}$ dos alunos abandonam a escola no decorrer do ano lectivo por causa de "reprovações por faltas" ou por "desistência". Isto exige uma investigação das causas destes fenómenos.

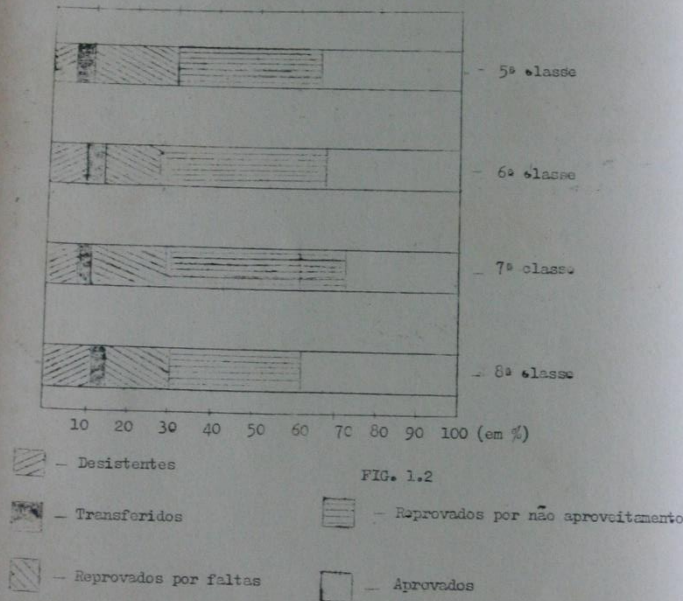


FIG. 1.2

Notável é que nas 5ª e 7ª classes o número de "desistentes" e "reprovados por faltas" é maior do que nas 6ª e 8ª classes. Isto indica que existem problemas nos alunos no entrarem numa escola dum nível superior.

Maior acumulação do número dos reprovados por não-aproveitamento vê-se nas 6ª e 7ª classes, provavelmente por ser nestas classes onde se aumenta a importância dos conhecimentos das classes anteriores. Como os alunos da 5ª classe são relativamente bem motivados em aprender por encaram nesta classe novas disciplinas, verifica-se nesta classe melhor aproveitamento.

3.2.1. OPINIÕES DE OUTROS CONTACTADOS:

3.2.1.1. SOBRE VARIÁVEIS AGENTES LIGADOS AO PROCESSO DOCENTE-EDUCATIVO

Partindo do princípio que as escolas angolanas apresentam, entre outras inúmeras dificuldades que de uma forma directa ou indirecta influenciam nas reparações que proliferam nas mesmas, elaborou-se as perguntas seguintes (ver também no Anexo III - os mapas 1 e 2 -) que tinham como finalidade a obtenção de dados - através dos directores e professores, respectivamente sobre variados aspectos ligados ao processo docente-educativo.

1 - Como é o procedimento em relação às reparações por faltas? Quais as causas principais?

R. _____

2 - Quantos reprovados por não aproveitamento tem no ano lectivo 1961/62? (por turmas)

R. _____

3 - Há alguma preocupação entre os professores sobre o aproveitamento dos alunos com baixo rendimento?

R. _____

4 - Que medidas tomou para evitar as reparações dos alunos?

R. _____

5 - Está a altura de responder às exigências dos programas? Que dificuldades tem?

R. _____

6 - Quantas vezes as suas aulas foram visitadas no ano lectivo 1961/62?

R. _____

7 - Que forma de colaboração tem tido com os encarregados de educação?

R. _____

8 - Como foi feita a sua supervisão através da Direcção da Escola e outros organismos de ensino no ano lectivo 1961/62?

R. _____

9 - Quais são os problemas sociais existentes na nossa escola?

10 - Há apoio por parte do A.A.T. à escola?

11 - Indique outros problemas que dificultam a aprendizagem escolar?

Perguntas aos professores das escolas

A tabela 1 informa sobre as respostas.

Tabela I : Resumo das respostas de a professores

		Provincia	Pernambuco	Rio de Janeiro	Paraná	Ucrânia	Paraná	Total
A	NACIONALIDADES	Nº dos professores entrevistados	28	26	29	29	26	148
		Angolanos	18	24	29	23	13	107
		Cubanos	11	-	-	6	4	21
		Zairenses	1	-	-	-	-	1
		Portugueses	8	2	-	-	8	18
		Santomenses	-	-	-	-	6	6
								148
B	ANOS DE EXPERIÊNCIAS	1-3 anos	6	5	11	10	7	39
		4-6 anos	15	8	4	12	5	44
		7-10 "	10	10	12	6	10	48
		mais de 10 anos	7	3	2	1	4	17
								148
1	Cumpre o regulamento		26	22	16	3	20	87
		Não " " "	-	-	-	5	-	5
		Sem informações	12	4	13	21	6	56
		distância entre a morada e a escola	12	4	4	6	8	34
		problemas disciplinares do aluno	10	3	13	8	5	39
		desinteresse p/parte dos encarregados de educação	6	1	6	2	4	20
		problemas de saúde	4	3	2	10	1	20
		outros problemas	-	-	-	-	-	-
		entre 0 - 20%	4	11	13	4	2	34
		20 - 40%	10	5	5	7	10	37
2	mais de 60%	40 - 60%	5	3	6	6	8	28
		mais de 60%	3	1	-	5	1	10
		sem informações	16	6	2	7	2	33
								148

1

		Benguela	Huíla	Huambo	Uíge	Luanda	Total	%
3	Sim	33	24	22	25	20	124	83,8
	Não há	4	1	3	4	3	15	10,1
	Sem informações	1	0	4	-	3	8	5,1
4	Tarefas extras	19	10	12	24	16	81	54,7
	Informação aos Encarregados da Educação	14	12	11	4	14	55	37,2
	Organização da ajuda mútua entre os alunos	13	8	5	9	11	46	31
	Outras medidas	1	7	4	3	-	15	10,1
5	Sim	23	25	25	15	16	104	70,3
	Não	3	-	2	-	3	8	5,1
	Sem informação	12	1	2	4	7	26	17,6
	Falta de material didático	23	7	8	11	15	64	43,2
	Disparidade entre os programas e o número de alunos	7	8	5	10	3	33	22,3
	Outras	3	3	-	1	1	8	5,4
6	Sim	5	8	16	7	7	43	29
	Nenhuma	11	15	12	12	10	60	40,5
	Uma vez	2	2	4	5	7	20	13,5
	2-4 vezes	5	4	5	2	-	16	10,8
	mais de 4 vezes	2	2	5	3	4	16	10,8
7	Sem informações	18	3	3	3	5	32	21,6
	Bastante	19	10	16	19	13	77	52
	Excelente	12	2	8	6	9	44	29,7
	Sem informações	2	4	1	-	-	7	4,7
		5	3	4	4	4	20	13,5

1

Tabela L : Resumo das respostas de

-56-

	Benguela	Huíla	Luanda	Uíge	Leanda	Total	
8	Não houve superação	24	11	12	9	11	67 / 45,3
	Através de seminários	4	11	5	1	1	22 / 14,9
	Outras formas	5	3	7	4	-	19 / 12,8
	Sem informações	5	2	5	15	14	40 / 27
9	Falta de assistência médica (parto médico)	11	7	9	14	6	47 / 31,2
	Falta de assistência alimentar (cartão)	-	-	6	4	8	18 / 11,9
	Má conservação do edifício escolar	11	28	6	7	9	51 / 33,9
	Outros problemas * *	-	4	2	4	15	25 / 16,6
10	Nulo	2	10	7	7	-	26 / 17,3
	Resolúvel	1	0	15	8	14	38 / 25,1
	Excelente	-	-	3	9	2	14 / 9,4
	Sem informações	1	-	6	5	9	21 / 14,0
11	Má preparação dos alunos nas classes anteriores	6	13	1	1	5	26 / 17,6
	" " " professores	3	2	1	1	2	7 / 4,7
	Falta de material (carteira, quadro preto)	-	2	-	3	2	5 / 3,3
	Outros problemas	2	10	-	4	1	17 / 11,5

* - desta ordem a falta de laboratórios

* * - a pagamento tardio dos salários dos professores

PERGUNTAS AOS DIRECTORES DAS ESCOLAS

- 1 - Como é o procedimento em relação às reprovações por faltas?
Quais as causas principais?
R. _____
- 2 - Quantas horas lecciona?
R. _____
- 3 - Quais são as atribuições da Direcção da Escola?
R. _____
- 4 - Como é a colaboração com os órgãos Estatais e as Massas?
R. _____
- 5 - Qual o papel que desempenha a JMLA/JF, CPA e ALEM na organização da vida Escolar?
R. _____
- 6 - O Director tem acompanhado as actividades dos professores? Como?
R. _____
- 7 - Quantas aulas assistiu durante o ano lectivo 1941/42?
R. _____
- 8 - Quais as dificuldades que a Direcção da Escola tem?
R. _____
- 9 - O que tem feito a Direcção da Escola para a superação dos professores?
R. _____
- 10 - A Delegação Provincial tem tomado medidas para a superação dos Directores da Escola?
R. _____
- 11 - Indique outros problemas que dificultam a aprendizagem escolar?
R. _____

A tabela 2 mostra as respostas dos directores previstos.

ANEXO 2: RESULTADOS DAS ENTREVISTAS COM DIRECTORES

		Benguela	Náfila	Namibe	Uíge	Luanda	Total
Número de directores entrevistados		3	3	3	1	2	15
A	menos de 1 ano	-	-	-	-	1	6,7
	1 ano	-	-	-	6	-	6,7
	2-3 anos	-	2	1	4	1	33,2
	4-6 anos	-	1	-	-	-	6,7
	7-10 anos	-	-	2	2	-	26,7
Sem informação		3	-	-	-	-	20
1	cumpra o regulamento	-	-	-	-	2	13,3
	não cumpra o regulamento	-	-	-	-	-	-
	sem informação	3	3	3	4	-	86,7
	distância entre a moradia e a escola	3	3	3	-	2	73,3
	problemas disciplinares do aluno	-	-	-	-	2	13,3
	desinteresse por p/ das encarregados	3	3	3	2	2	86,7
	problemas de saúde	-	3	3	2	1	50
	outras coisas	-	3	3	2	-	53,3
	Não lecciona	2	-	2	1	2	46,7
	1 - 6 tempos	1	2	1	-	-	26,7
2	6-12 tempos	-	-	-	2	-	13,3
	12-15 tempos	-	1	-	-	-	6,7
	15-24 tempos	-	-	-	-	-	-
	mais de 24 tempos	-	-	-	1	-	6,7
3	Tem todas as estruturas	1	3	3	2	2	73,3
	Não tem todas as estruturas	2	-	-	-	-	26,7

		Benquela	Huíla	Maambo	Uíge	Luanda	Total	em %
4	Nula	-	-	1	-	-	1	6,7
	Esporádica	-	-	-	-	1	1	6,7
	Razoável	-	-	2	-	1	3	20
	Excelente	3	3	-	4	-	10	66,7
5	Nulo	-	1	1	6	2	5	33,2
	Razoável	3	-	2	-	-	5	33,2
	Excelente	-	2	-	3	-	5	33,2
6	Sim	3	3	3	3	2	14	93,3
	Não	-	-	-	1	-	1	6,7
	Contactando os coord. das discipli	-	-	-	1	1	2	13,3
	Visitando as suas salas	3	3	3	-	-	9	60
	Visitando a sala dos professores	-	-	-	-	1	1	6,7
7	Outras formas	-	-	-	3	-	3	20
	Nenhuma	-	-	-	2	1	3	20
	Uma aula	-	-	-	-	-	-	-
	2-6 aulas	-	-	-	-	-	-	-
	Mais de 6 aulas	3	3	3	2	1	12	80
8	Pessoal técnico limitado	3	3	-	-	2	8	53,3
	Absentismo dos trabalhadores	-	3	3	-	1	7	46,7
	Maintenance da estrut. física	-	-	-	3	1	4	26,7
	Outras dificuldades	3	3	3	1	1	11	73,3

PARTES 2: ... PROPOSTAS DOS DIRECTORES

3.6.1.2. CAUSAS DE REPROVAÇÕES POR FALTAS

Um objectivo principal da inquérito foi a descoberta de razões sobre as causas da elevada percentagem de reprovações por faltas e por não aproveitamento e a comparação de opiniões dos grupos contactados.

No tipo de um estudo teórico e do conhecimento sobre a realidade escolar dos pais, elaborou-se um questionário sobre as reprovações por não aproveitamento e outro sobre as reprovações por faltas (ver Anexo III).

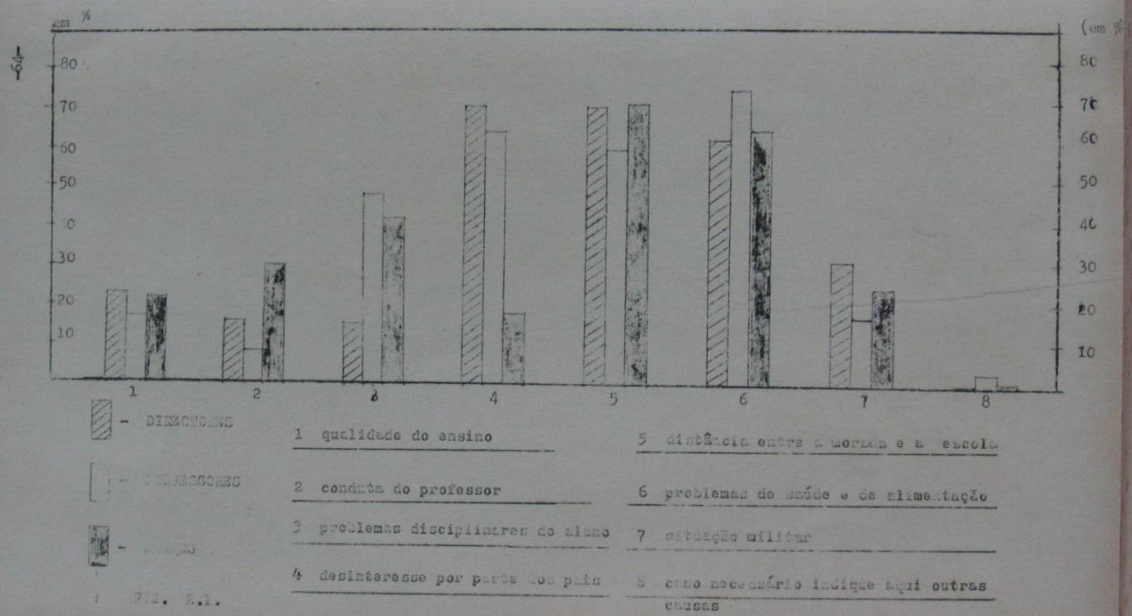
Em relação às reprovações por faltas, as individualidades contactadas indicaram as suas causas principais pela ordem seguinte:

- Directores: 1º - desinteresse por parte dos pais
2º - distância entre a morada e a escola
3º - problemas de saúde e de alimentação.
4º - situação militar
5º - qualidade do ensino
- Professores: 1º - problemas de saúde e alimentação
2º - desinteresse por parte dos pais
3º - distância entre a morada e a escola
4º - problemas disciplinares do aluno
5º - situação militar
- Alunos: 1º - distância entre a morada e a escola
2º - problemas de saúde e de alimentação
3º - problemas disciplinares do aluno
4º - conduta do professor
5º - situação militar (Ver Anexo IV/5)

Os três grupos mencionam, em concordância a "distância entre a morada e a escola" e "problemas de saúde e alimentação"

como causas principais. Há uma discordância entre os directores e professores, por um lado, e alunos, por outro lado, quanto ao "desinteresse por parte dos pais, os directores e os professores indicam este como a causa principal para as reprovações por faltas e só uma pequena parte dos alunos é que o indicam (ver Fig. 2.1).

CAUSAS DAS REPROVAÇÕES POR FADIGA



3.1.3. CAUSAS DO INSUCESSO POR NÃO-APROVEITAMENTO

Quanto às causas das reparações por não-aproveitamento, colheu-se as opiniões seguintes:

- Directores: 1. - problemas de saúde e de alimentação
2. - desinteresse por parte dos pais
3. - não cumprimento do programa nas classes anteriores
4. - falta de colaboração escola-comunidade
5. - não dominação da língua portuguesa pelos professores e alunos
- Professores: 1. - não cumprimento do programa nas classes anteriores
2. - problemas de saúde e de alimentação
3. - desinteresse por parte dos pais
4. - não dominação da língua portuguesa pelo aluno
5. - falta de colaboração escola-comunidade
- Alunos: 1. - problemas de saúde e de alimentação
2. - grau de dificuldades das provas de avaliação e dos exames
3. - não cumprimento do programa nas classes anteriores
4. - não dominação da língua portuguesa pelo professor
5. - relação professor-aluno (ver Anexo II/4)

Verifica-se como causa principal os "problemas de saúde e de alimentação". Como segunda causa é indicada "o não cumprimento do programa nas classes anteriores".

Constata-se também a mesma discordância entre directores e professores, por um lado, e alunos, por outro lado, quanto ao "desinteresse por parte dos pais" (Ver Fig. 2.2.). É também uma discordância no que diz respeito ao "Grau de dificuldades das provas de avaliação e dos exames". Para os directores e professores, este factor não tem importância, enquanto os alunos mencionam como a segunda causa principal (Ver Fig. 2.2.).

A razão para tal, supõe-se que seja a insuficiente preparação dos alunos para os exames.

Constata-se também a mesma discordância entre directores e professores, por um lado, e alunos, por outro lado, quanto ao "desinteresse por parte dos pais" (Ver Fig. 2.2.). É também uma discordância no que diz respeito ao "Grau de dificuldades das provas de avaliação e dos exames". Para os directores e professores, este factor não tem importância, enquanto os alunos mencionam como a segunda causa principal (Ver Fig. 2.2.).

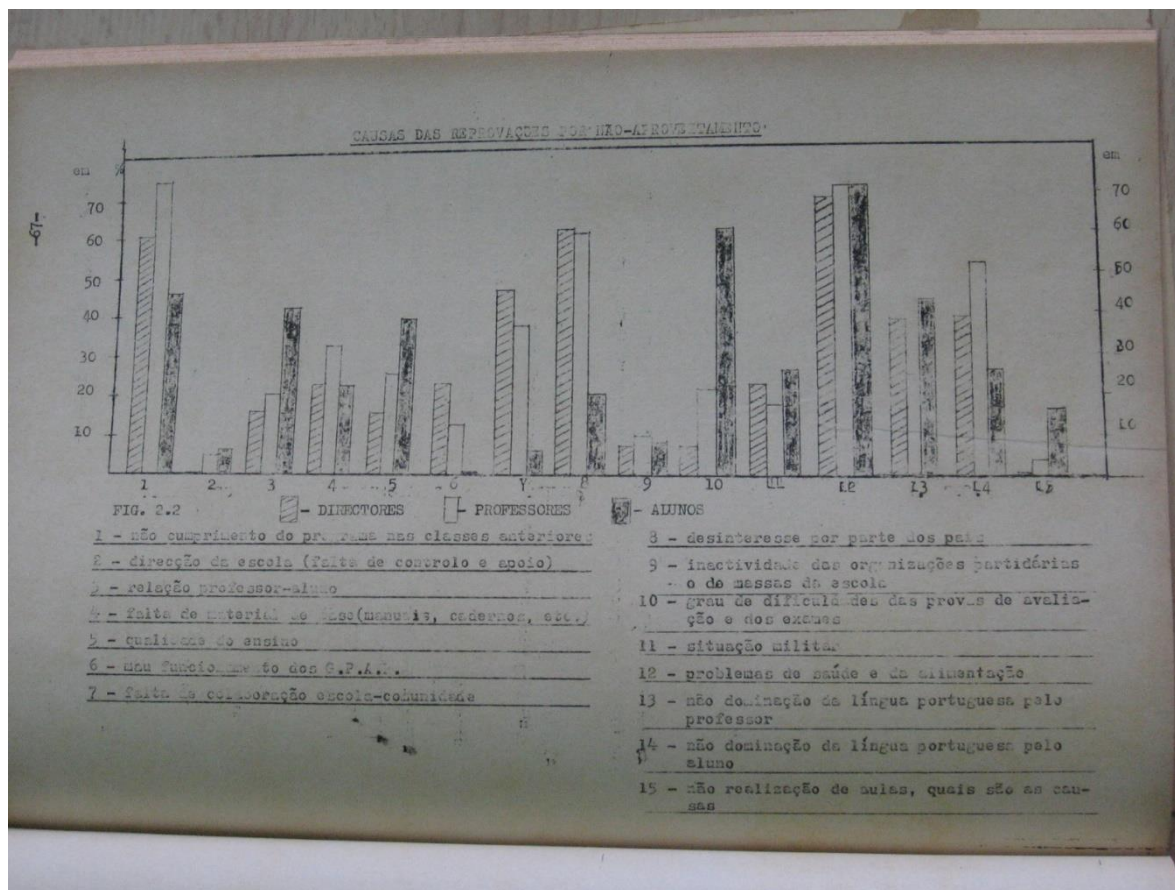
A razão para tal, supõe-se que seja a insuficiente preparação dos alunos para os exames.

Pelas respostas dadas, pode-se verificar inúmeros problemas, entre os quais salientam-se:

- A não superação dos directores, apesar da maioria ter pouca experiência nesta função (analisar as questões 4 e 10 - directores)
- A deficiente superação dos professores (analisar a questão 8 - professores e 9 - directores)
- A elevada percentagem de directores que se encontram dissociados da actividade docente (analisar a questão 2 - directores)
- O deficiente controle das actividades dos professores (analisar a questão 6 - professores)
- O funcionamento irregular dos diversos organismos pertencentes ao Conselho de Direcção (analisar a questão 5 - directores)
- O divórcio entre a escola e o lar (analisar a questão 7 - professores)
- A deficiente atenção às pessoas ligadas à docência (analisar a questão 9 - professores).

Pelas respostas dadas, pode-se verificar inúmeros problemas, entre os quais salientam-se:

- A não superação dos directores, apesar da maioria ter pouca experiência nesta função (analisar as questões 4 e 10 - directores)
- A deficiente superação dos professores (analisar a questão 8 - professores e 9 - directores)
- A elevada percentagem de directores que se encontram dissociados da actividade docente (analisar a questão 2 - directores)
- O deficiente controle das actividades dos professores (analisar a questão 6 - professores)
- O funcionamento irregular dos diversos organismos pertencentes ao Conselho de Direcção (analisar a questão 5 - directores)
- O divórcio entre a escola e o lar (analisar a questão 7 - professores)
- A deficiente atenção às pessoas ligadas à docência (analisar a questão 9 - professores).



3.2.2. ASSESSORIA DE AULAS

Sendo a aula a tarefa mais importante que se leva a cabo na escola, logo, beneficiou neste inquérito de uma atenção especial e cuidada.

Durante o inquérito assistiu-se a algumas aulas, com predominância para as das disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, partindo-se do princípio de que é nestas disciplinas onde se verificam mais dificuldades, a fim de se verificar in-loco a forma como as mesmas têm sido processadas.

As aulas assistidas classificam-se, de uma forma geral, como medíocres devido principalmente a uma não correcta planificação. A maioria dos professores - exceptuando-se os professores angolanos com experiências profissionais e os cooperantes, particularmente cusanos - limitava-se apenas a transmitir o conteúdo, sempre pelo método expositivo (relato), descuidando a participação dos alunos na aula e as actividades de carácter educativo.

É de realçar que muitos dos professores encontravam-se atrasadíssimos com a matéria e muitos deles não seguiam a matéria programada.

Isto deve-se ao abandono a que estão votados as aulas, por parte dos coordenadores de disciplina, subdirectores pedagógicos e directores das escolas.

3.2.3. AVALIAÇÃO DE PAUTAS

- A fim de se receber informações detalhadas sobre
- o número das deficiências por aluno e a sua distribuição pelas disciplinas
 - a dependência das reprovações por não aproveitamento das notas do ano ou exame.

Utilizou-se pautas de 14 turmas do II nível e 7 turmas do III nível com dados estatísticos de 803 alunos.

No II nível avaliou-se duas pautas de Luanda, duas do Huambo, três de Benguela, três da Huila e quatro do Uíge e no III nível uma de Luanda, duas do Huambo, duas da Huila, duas do Uíge; de escolas com características diferentes, representativas para as condições escolares do país.

A Fig. 2.3. mostra a distribuição percentual dos alunos desistentes, transferidos, reprovados e aprovados dos II e III níveis. Tem-se uma distribuição diferente da da Fig. 1.1. devido à seleção das turmas. Ver também Anexo IV/F1, F2).

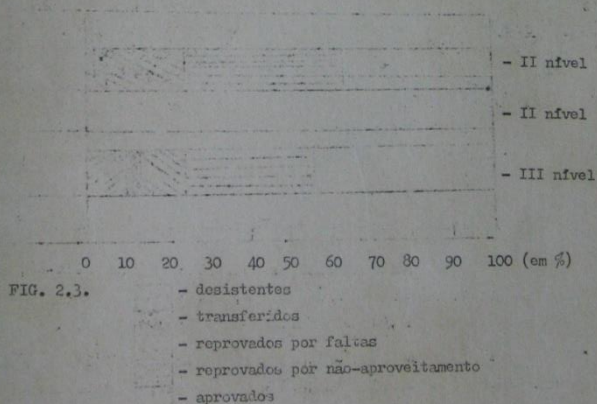


FIG. 2.3.

Seleccionou-se turmas com o maior número de reprovados, enquanto que a Fig. 1.1. mostra uma selecção de turmas das escolas visitadas sem restrições quaisquer.

Dos 586 alunos do II nível, 347 alunos têm em soma 940 deficiências, quer dizer, 61,7% de todos os alunos receberam em média 2,8 deficiências por aluno.

No III nível, dos 241 alunos, 152 têm em soma 515 deficiências ou seja, 63,07% de todos os alunos, o que equivale a uma média de 3,4 deficiências por aluno (Ver Anexo IV/31/83).

Nas Fig. 2.4 e 2.5 vê-se a distribuição das deficiências por disciplinas.

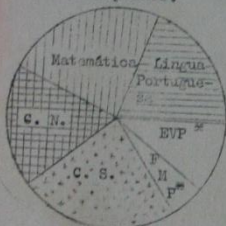


Fig. 2.4 Distribuição das deficiências por disciplinas do II nível

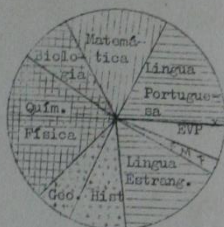


Fig. 2.5 Distribuição das deficiências por disciplinas do III nível

(* As disciplinas F.M.P. e EVP não foram ensinadas em todas as escolas)

O maior número das deficiências concentra-se, no II nível, nas disciplinas de Matemática (22,7%), Ciências Sociais (22,2%), Língua Portuguesa (19,4%) e Ciências da Natureza (17,5%).

No III nível, as Língua Portuguesa (16%), Língua Estrangeira (15,2%), Matemática (15,2%) e Física (12,5%) (Ver Anexo IV/3).

A comparação entre províncias mostra diferenças significantes (Ver Fig. 2.6).

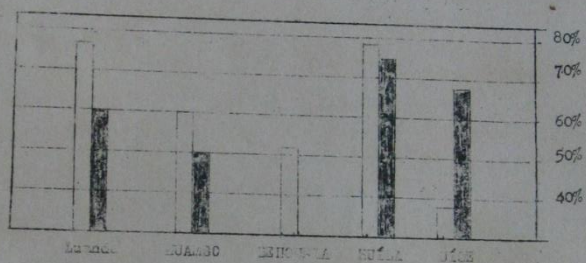


Fig. 2.6. Percentagem dos alunos com uma ou mais deficiências

□ - no II nível
 ▨ - no III nível

Neste contexto também deve-se tomar em conta as percentagens das reprovações por faltas (Ver Fig. 2.7)

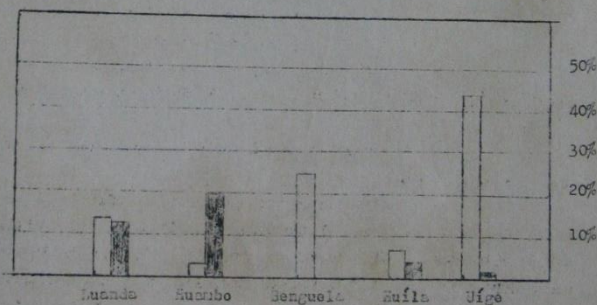


Fig. 2.7 Percentagem dos alunos reprovados por causa de faltas (em relação aos matriculados).

Para se ser mais preciso, considera-se também a distribuição dos alunos investigados em função do aproveitamento no fim do ano escolar (Ver Fig. 2.8).

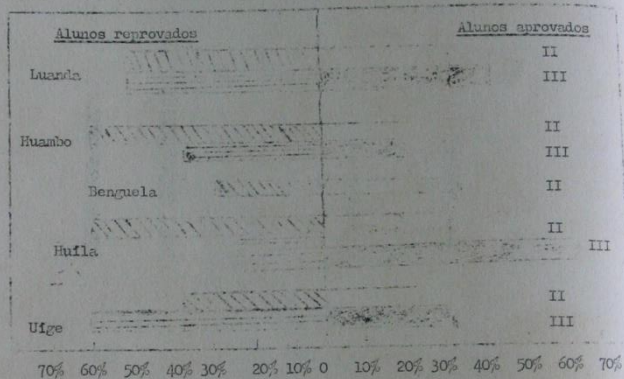


FIG. 2.8. Distribuição dos alunos que chegaram ao fim do ano (II : II nível; III : III nível)

A comparação dos resultados demonstrados nas Fig. 2.7. e 2.8. mostra que existe uma dependência estreita entre as reprovações por faltas e a relação entre aprovados e reprovados por não-aproveitamento quer dizer, as causas para reprovações por faltas e por não-aproveitamento poderiam ser muito parecidas; por outro lado pode-se ver diferenças significantes entre as escolas do II e III níveis da mesma provincia (Huila, Uíge).

Um outro aspecto importante verifica-se na comparação das Fig. 2.6. e 2.8.

A percentagem dos aprovados na Huila é relativamente alta apesar de grande parte dos alunos terem deficiências; contrariamente muitos alunos reprovaram na Uíge apesar da percentagem dos alunos com deficiências ser menor - Ver Anexo IV/G). Pode-se deduzir, que o problema das reprovações foi reconhecido na Huila melhor do que em outras provincias (Uíge, Huambo) e houve preocupações e medidas por parte do corpo docente.

3.2.4. CONCLUSÕES - II/III NÍVEIS

3.2.4.1. SOBRE AS REPROVAÇÕES POR FALTAS

A teoria pedagógica socialista não conhece o fenómeno "reprovação por faltas" que prolifera nas nossas escolas.

Por isso, optou-se por uma investigação sobre tal fenómeno.

Para os grupos investigados, as causas deste tipo de reprovação são essencialmente razões sócio-económicas (ver p. 10).

2.1) Esta questão tem como base:

- Condições sócio-económicas.
- Problemas nas relações entre professores e alunos.
- Motivações insuficientes nos alunos, em aprender.

Pelo acima exposto, pode-se dizer que a reprovação por falta não depende directamente do aluno. Neste sentido, é urgentemente necessário a alteração dos procedimentos empregues nas escolas quanto às reprovações por faltas, pois os mesmos não concordam com as supostas motivos desse tipo de reprovação. Além disso, não têm uma vantagem sócio-económica nem um positivo aspecto educativo.

3.2.4.2. SOBRE AS RENOVACÕES POR MEIO DO DESEMPENHAMENTO

Sobre a base de uma análise profunda das investigações realizadas e das considerações sobre as condições existentes neste momento nas escolas angolanas do II e III níveis, obtém-se o seguinte:

- Os problemas sócio-económicos, mencionados pelos directores, professores e alunos como causas principais (ver FIG 2.2.) influem negativamente no rendimento escolar o que demonstram também as estatísticas e investigações nas outras Países (por exemplo nos anos depois das guerras mundiais, na Europa).

No momento actual em que Angola se encontra numa fase de agressão permanente por parte da racista África do Sul e tem que resolver outros problemas difíceis, não será possível resolver imediatamente estes problemas sócio-económicos. Mas, as suas consequências podem ser diminuídas por esforços associados das Províncias e comunas.

- O desinteresse por parte dos pais também tem influência negativa, mas é uma herança do tempo colonial e uma consequência do baixo nível de instrução da maioria dos pais. Portanto, a sua irradiação só será possível daqui a alguns anos (através da propaganda pedagógica nas reuniões com os pais, pelos meios de difusão massiva,...).

- Importante para o processo educativo e instrutivo, são os grupos participantes directamente no mesmo (directores, professores, alunos e encarregados do ensino). Um grande papel é desempenhado especialmente pelos responsáveis da educação indigizados pela sociedade (directores e professores)

.../...

Porém durante o inquérito constatou-se grandes diferenças na planificação e direcção das escolas. A maioria dos directores não foi preparada para as tarefas a resolver nas escolas nem receber apoio e formação para o processo de trabalho.

Em quase todas as escolas constatou-se grandes deficiências quanto à planificação das actividades dos Professores, plano de ano escolar, horário escolar, disciplina e ordem na escola (com excepção da escola do III nível do Intango e parcialmente das do Hambo). O tempo de trabalho dos directores é ocupado, em grande parte, em assuntos administrativos. É necessário que se dediquem também ao processo educativo e instrutivo.

As unidades escolares com 2000 ou mais alunos só se podem dirigir muito dificilmente e em condições melhores que as existentes neste momento no país.

A análise do corpo docente mostra que se encontram entre as causas principais para a baixa qualidade do ensino.

A baixa formação pedagógica, a pouca experiência profissional, a falta de uma superação contínua dos professores, a atitude dos professores muitas vezes bastante fraca (os problemas pessoais têm prioridade, muitas faltas injustificadas, falta de assiduidade. Ver ANEXO IV (b) 1 a 3), a permanente mudança de professores (cooperantes que trabalham só dois anos, professores - estudantes, professores - colaboradores) não permite falar de uma continuidade de trabalho escolar que representa a base necessária de um trabalho coroado de êxito.

Dificuldades na organização (atraso do início do ano escolar, má sincronização dos calendários escolares do Ensino de Base, Ensino Médio e Ensino Superior, deficiências na planificação das actividades dos professores, a não existência de planos para a substituição de professores em caso de doença, licença, etc) impedem a disponibilidade de tempo suficiente para o cumprimento dos programas (no mínimo 30 semanas de tempo efectivo). Ainda há programas elaborados sobre uma base de 34 semanas escolares (nas 6A e 8A classes).

.../...

Como consequência, o currículo não é cumprido na quantidade e qualidade exigidas.

A maioria dos professores só veicula a matéria (muitas vezes só pelo método da "relato do professor") descurando os aspectos educativos.

Não existe qualquer colaboração escola-família, o que é bastante negativo especialmente para o processo educativo no III nível.

A maioria dos alunos é insuficientemente mobilizada e sensibilizada para aprender. A falta de vontade para o trabalho escolar e a falta de disciplina documentam estes factos.

A J MPLA, a OPA, a AABM, ... não desempenham o seu real papel na vida escolar.

A frequência por turma no início do ano escolar é relativamente alta; pensamos que há professores que têm um motivo forte para reduzir o número de alunos por turmas não correctas como por exemplo a reprovação por faltas.

O sistema de avaliação dos alunos é muito deficiente e não permite uma correcta avaliação dos seus conhecimentos e competências.

Muitos professores não conhecem as exigências dos programas e outros não os dominam.

Há grandes reservas nas preparações das aulas (falta de planificação de objectivos formativos e educativos e falta de selecção dos métodos).

O sistema de avaliação e controle não é bem conhecido e não é utilizado correctamente.

O aproveitamento do tempo disponível nas aulas é relativamente baixo.

4 - Recomendações para melhorar o rendimento escolar

Feita a análise profunda e científica do II inquérito sobre as causas das reprovações no I, II e III Níveis, encontraram-se como problemas essenciais que influem no aproveitamento escolar os seguintes:

- a organização escolar
- a formação dos professores
- a qualidade do ensino
- a situação sócio-económica.

Foram apuradas causas principais das reprovações:

a) relacionadas com o sistema de ensino, tais como:

- Não cumprimento do calendário escolar
- Não cumprimento de programas
- Alto grau de dificuldades das provas periódicas e Nacionais.

b) motivadas pelo corpo docente, tais como:

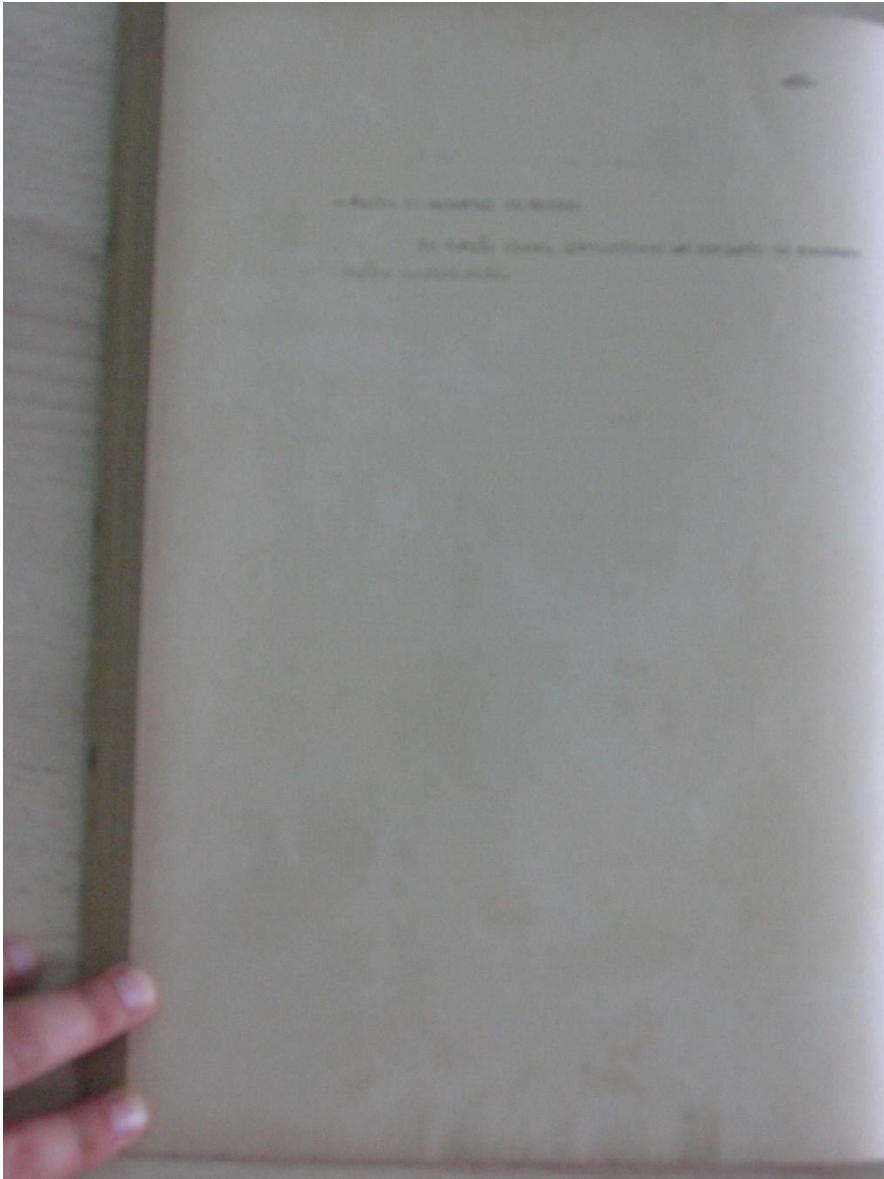
- O baixo nível académico, científico e pedagógico da maioria dos professores, sobretudo no I nível.
- A fraca preparação científico-pedagógica dos professores que se reflecte nas suas aulas, e como consequência, na má qualidade do ensino.
- Problemas sociais.

c) relacionadas com o corpo discente, tais como:

- Problemas no campo social e cultural
- Insuficiências na relação escola-encarregados de educação.

d) baseadas sobre problemas da organização e controlo do funcionamento da educação, tais como:

- Falta de controlo e apoio por parte do MEU, DPE e DME às estruturas a eles subordinadas,



4.1.- do Ministério de Educação

comen-

- 1 - Sincronizar os calendários escolares entre o Ensino de Base, Ensino Médio e Ensino Superior, tendo em conta o grande número de professores e estudantes e estabelecer o calendário escolar com o mínimo de 30 semanas efectivas, determinando o prazo suficiente para superação e descanso dos professores;
- 2 - Implementar a Inspeção Escolar, a nível nacional e provincial como órgão de controlo e apoio dos pontos seguintes:
 - . cumprimento rigoroso do calendário escolar
 - . o trabalho dos directores
 - . o cumprimento dos programas
 - . a qualidade do ensino
 - . a aplicação do sistema de avaliação
 - . a organização das provas sobretudo as do exame, incidindo sobre elas uma análise profunda.
- 3 - Reduzir o número das provas periódicas e do exame a fim de melhor aproveitar os dias lectivos (ver suplemento pág 23);
- 4 - Pôr em prática um novo sistema nacional de avaliação dando mais importância à avaliação contínua;
- 5 - Reformular os programas numa estrutura unitária baseado-se nos resultados da análise do cumprimento das mesmas;
- 6 - Supurar os problemas existentes relacionadas com o material didáctico e de estudo, através de:
 - . melhoramento da estrutura e do conteúdo dos manuais e guias.
 - . elaboração de novos materiais didácticos para dar mais ajuda concreta aos professores no seu trabalho docente- educativo (por exemplo: cadernos de actividades e lições planificadas).

- . criação de uma revista pedagógica
 - . garantia da distribuição correcta e pontual do material didáctico.
- 7 - Realizar anualmente seminários nacionais para a superação dos directores e coordenadores provinciais (em cada ano para três disciplinas). criar um grupo para uma formação permanente dos directores;
 - 8 - Lançar uma campanha sob o lema " O professor deve aumentar o seu nível académico", com o fim de cada professor atingir dentro do prazo dos próximos dois anos uma habilitação literária mais alta;
 - 9 - Elaborar uma planificação da formação de professores e criar as condições necessárias, que garantam ter até 1990 uma percentagem de pelo menos 50% de professores do I Nível com uma formação profissional;
 - 10 - Aproveitar melhor a capacidade existente nos IUE para formação de professores para o II e III níveis;
 - 11 - Realizar o estudo a distância para professores do II e III níveis que ainda não possuem uma formação profissional;
 - 12 - Criar escolas-piloto em Luanda, para experimentação de novos programas, meios didácticos, etc...

13 - Melhorar as condições sociais dos professores angolanos concretizando o seguinte:

- Valorizar o nível social e profissional do professor angolano.
- Pagar o vencimento sem atraso.
- Regularizar e concretizar com outros organismos competentes, o abastecimento dos professores com bens alimentares e industriais, bem como superar os problemas de transporte e de alojamento.
- Estabelecer critério de atribuição de estímulos morais e materiais.

14 - Garantir que a incorporação militar dos alunos se efectue somente no fim do ano lectivo.

4.2.- A Delegação Provincial da Educação /Delegação Municipal da Educação

- 1 - Controlar o cumprimento do calendário escolar;
- 2 - Controlar periodicamente o grau de cumprimento dos programas e tomar medidas caso se verifique grandes deficiências;
- 3 - Garantir o ensino de todas as disciplinas em todas as escolas;
- 4 - Realizar seminários, anualmente, para directores e incentivar troca de experiências entre eles;
- 5 - Organizar anualmente reciclagens para os professores da Província;
- 6 - Planificar cuidadosamente o corpo docente de todas as escolas, tendo em conta a habilitação literária, formação profissional, duração do contrato (para cooperantes), etc;
- 7 - Aumentar a efectividade do trabalho dos cooperantes promovendo cursos intensivos da Língua Portuguesa, particularmente para os professores cubanos, bem como dar a conhecer o sistema de ensino na R.P.A.
Correspondendo às suas possibilidades, os professores -
 - cooperantes deverão contribuir na realização da superação dos professores angolanos e na troca de experiências profissionais;
- 8 - Evitar problemas de transporte dos professores cooperantes, elaborando um regulamento em função da situação militar e da distância entre a morada e a escola;
- 9 - Criar uma estrutura de direcção em escolas com mais de 2 000 alunos, constituída por unidades escolares separadas (por exemplo: separação organizativa dos cursos diurno e nocturno):

- 10 - Adoptar medidas no sentido de que os directores se integram mais no processo docente-educativo, dando aulas no mínimo quatro tempos semanais;
- 11 - Garantir a distribuição correcta e pontual do material didáctico;
- 12 - Dar maior atenção às instalações sanitárias e às condições higiénicas das escolas. Analisar o estado sanitário de cada escola e elaborar um plano de reparação/construção das mesmas. Neste processo há necessidade de cooperar estreitamente com os responsáveis estatais e de outros sectores, com as empresas e os encarregados de educação;
- 13 - Criar junto das escolas postos médicos e promover visitas regulares de um agente sanitário, principalmente nas zonas rurais;
- 14 - Criar cantinas nas escolas a fim de facultar uma alimentação mínima diária ($\frac{1}{2}$ litro de leite e um pãozinho para cada aluno);
- 15 - Criar formas de trabalho produtivo nas escolas, a fim de permitir auto-abastecimento e melhorar as condições materiais e higiénicas;

4.3.- Aos Directores das escolas

1 - Dirigir e dar mais atenção aos problemas da direcção e controlo do processo nas escolas, através de:

- . cumprimento rigoroso do calendário escolar;
- . controlo permanente do trabalho docente-educativo de várias formas, sobretudo por meio de assistência a aulas;
- . avaliação da qualidade do ensino de cada professor;
- . análise permanente do rendimento de cada turma baseando-se no trabalho analítico de directores de classes e turmas, de coordenadores das disciplinas e de todos os professores;
- . análise do cumprimento de programas;
- . análise das reprovações e das suas causas;

Deste trabalho devem sempre resultar medidas eficazes para superar as insuficiências encontradas, que devem ser consideradas num relatório a enviar semestralmente à Delegação Provincial.

- 2 - Elaborar um plano sobre a função das estruturas escolares (Sub-Directores, coordenadores,)
- 3 - Reduzir a " não-realização de aulas", trabalhando com planos de substituição de professores ou de união de turmas, caso haja falta de professores;
- 4 - Dirigir e controlar a superação e reciclagem dos professores da escola;
- 5 - Integrar-se mais no processo docente-educativo, dando aulas no mínimo quatro tempos semanais;
- 6 - Criar na escola uma representação dos encarregados de educação dos alunos.
- 7 - Implantar na escola as organizações políticas e de massas e incluí-las na resolução de tarefas da escola;
- 8 - Avaliar o equipamento da escola e os meios didácticos disponíveis e informar à Delegação Provincial;

9 - Incentivar o trabalho com os encarregados de educação:

- desenvolver o trabalho permanente e planificado com os encarregados de educação.
- efectuar reuniões semestrais com os encarregados de educação a nível de turmas com a participação do director da turma e outros professores que ensinam na turma respectiva.
- promover visitas à casa dos alunos, pelos directores da turma, segundo um plano anual (Devem ser visitados principalmente os alunos que apresentam mais problemas).
- instalar um horário de consulta em que os pais interessados têm a oportunidade de deliberar com os professores sobre problemas da educação escolar e familiar.

§.4.- Aos Professores

- 1.- Melhorar a qualidade do ensino através de:
 - . considerar as particularidades individuais dos alunos no processo docente-educativo;
 - . Dosificar a matéria segundo as exigências dos programas; planificar as aulas numa forma escrita, tomando em consideração a planificação dos objectivos educativos e instrutivos, dos métodos de ensino e das tarefas para casa;
 - . sensibilizar e motivar os alunos para que se dediquem mais aos estudos;
- 2.- Reconhecer e analisar as causas principais das reprováveis com o objectivo que sejam capazes de estimar as consequências das reprováveis para a sociedade;
- 3.- Colaborar com os demais professores das turmas onde lecciona, particularmente com o director de turma, no processo de decisão sobre reprováveis;
- 4.- Elaborar um plano especial para diminuir as dificuldades dos alunos no processo docente-educativo (organização de ajuda mútua entre alunos, tarefas extras, contacto com os encarregados de educação, etc.)
- 5.- Informar ao director de turma, ao director de escola e aos encarregados de educação sobre o mau rendimento escolar de um aluno, motivado por deficiências de comportamento;
- 6.- Aproveitar cabalmente o tempo (pontualidade na entrada e saída da sala de aulas

Suplemento

-87-

Propõe-se reduzir as provas de exame (escritas)
de maneira seguinte:

Para o I Nível

Prova de exame da 4ª classe

- Língua Portuguesa
- Matemática

Para o II Nível

Prova de exame da 6ª classe

- Língua Portuguesa
- Matemática
- Ciências Naturais
- Ciências Sociais

Para o III Nível

Prova de exame da 8ª classe

- Língua Portuguesa
- Matemática
- Língua Estrangeira
- Geografia ou História (mudar anualmente)
- Física e Química ou Química e Biologia
ou Física e Biologia
(mudar anualmente)

Anexo I: Mapas utilizados na Inquérito do I Nível

- Mapa 1: Entrevista ao Director
- Mapa 2: Entrevista ao professor
- Mapa 3: Entrevista ao Aluno reprovado
- Mapa 4: Estatística do corpo docente
- Mapa 5: Estatística do corpo discente
- Mapa 7a: Questionário para os directores
- Mapa 7b: Questionário para os professores
- Mapa 7c: Questionários para os encarregados de educação
- Mapa 8: Estatística sobre a vida dos alunos
- MAPA DA ASSISTÊNCIA DE UMA AULA

Nota: O Mapa 6 relativo ao problema de reprovações por faltas foi retirado (No I Nível não há reprovações por faltas)

Anexo II. Mapas estatísticos sobre o I Nível
Lista dos mapas no anexo

- Mapa 1: Alunos matriculados, transferidos, desistentes
- Mapa 2: Distribuição das reprovações ~~por~~ classes e províncias
- Mapa 3: Distribuição das reprovações ~~por~~ disciplinas e classes
- Mapa 4: Habilitações literárias dos professores
- Mapa 5: Experiências profissionais do corpo docente
- Mapa 7.I: Faltas dos professores
- Mapa 7.II: Causas principais das faltas dos professores
- Mapa 8: Condições técnico-materiais
- Mapa 9: Existência de material didáctico
- Mapa 10: Média de alunos por turma
- Mapa 11: Idade dos alunos de cada classe
- Mapa 12: Cumprimento de aspectos didácticos nas aulas assistidas
- Mapa 13: Avaliação das aulas assistidas
- Mapa 14: Profissão dos pais
- Mapa 15.I: Entrevista aos alunos reprovados
- Mapa 15.II: Entrevista aos alunos reprovados
- Mapa 16: Disciplina de maior interesse
- Mapa 17.I: Entrevista aos professores
- Mapa 17.II: Entrevista aos professores
- Mapa 18.I: Entrevista aos directores
- Mapa 18.II: Entrevista aos directores
- Mapa 19: Causas principais das reprovações por não aproveitamento

Anexo II

-104-

Mapa 1

Alunos matriculados, transferidos, desistentes e que chegaram ao fim

	Classe	Benguela	Luanda	Namibe	Namibe	Total
Matriculados	1ª	2289	1260	1180	1653	6396
	2ª	1928	863	1407	1364	5562
	3ª	1379	786	1149	1085	4399
	4ª	1041	724	994	802	3561
		6631	3653	4730	4904	19918
Desistentes	1ª	342	119	144	149	754
	2ª	190	48	144	97	479
	3ª	134	34	140	153	461
	4ª	119	59	117	100	395
		785	260	545	499	2089
Transferidos	1ª	58	7	24	69	158
	2ª	61	2	40	149	252
	3ª	36	9	37	60	142
	4ª	52	0	21	30	103
		207	18	122	308	655
Que chegaram ao fim	1ª	1883	1154	1012	1435	5484(85,7%)
	2ª	1677	813	1223	1118	4831(86,9%)
	3ª	1209	743	972	872	3796(86,3%)
	4ª	870	665	856	672	3063(86,0%)
		5639(85,0%)	3375(85,7%)	3063(85,9%)	4097(85,5%)	17174(86,2%)

ANEXO II

Mapa 2

Distribuição das reprovações por classes e Províncias
(n = 19913 alunos)

	Classe	Benguela	Luanda	Malanje	Namibe	Soma Total
Examinados	1ª	1883	1154	1012	1435	5484
	2ª	1677	813	1223	1110	4823
	3ª	1209	743	972	872	3796
	4ª	870	665	856	672	3063
	5ª	5636	3375	4063	4057	17174
Reprovados	1ª	699	503	576	719	2497
	2ª	643	412	738	470	2271
	3ª	385	181	405	314	1285
	4ª	265	177	303	295	1125
	5ª	1992	1273	2107	1606	7178
Aprovados	1ª	1184	651	436	716	2987
	2ª	1034	401	495	640	2570
	3ª	824	562	567	558	2511
	4ª	605	498	468	377	1950
	5ª	3647	1102	1956	2291	9996
Percentagem A		64,7%	62,3%	48,1%	55,9%	50,2%
Percentagem B		59,0%	57,5%	41,4%	46,7%	50,2%

Legenda: Percentagem A - em relação ao número de alunos que chegaram ao fim do ano

Percentagem B - em relação ao número de alunos matriculados (ver mapa 1)

ANEXO II

Mapa 3

Distribuição das Reprovações por disciplinas e classes
(n=16456 alunos)

-106-

	L. P.	M	C I	C H	Geo	Hist.	Total
1ª	1574 (39,8%)	1571 (38,7%)	1418 (28,6%)	-	-	-	4963
2ª	1716 (41,3%)	1198 (28,8%)	1242 (29,9%)	-	-	-	4156
3ª	1242 (36,2%)	1228 (35,8%)	957 (27,9%)	-	-	-	3427
4ª	782/780 (20,0%/19,8%)	1078/1027 (27,6%/26,1%)	-	814/849 (20,0%/21,5%)	561/527 (14,4%/13,4%)	673/759 (17,2%/19,3%)	3908/3942
Total	5714	5075	3617	814	561	673	16454

Anexo II

Mapa 1

-107-

-113-

Habilitações literárias dos professores

(n = 632 professores)

	B	C	L	M	N	Total
2ª	2 (0,3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (0,3%)
3ª	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
4ª	67 (25,0%)	0 (0%)	4 (2,3%)	24 (24%)	19 (18,1%)	114 (18%)
5ª	16 (6,2%)	0 (0%)	1 (0,7%)	6 (6%)	3 (2,9%)	26 (4,1%)
6ª	97 (37,3%)	6 (26,1%)	55 (38,2%)	42 (42%)	57 (54,3%)	257 (40,7%)
7ª	25 (9,6%)	6 (26,1%)	28 (19,4%)	23 (23%)	15 (14,3%)	97 (15,4%)
8ª	42 (16,2%)	6 (26,1%)	45 (31,2%)	5 (5%)	11 (10,5%)	109 (17,2%)
9ª	11 (4,2%)	5 (21,7%)	8 (5,6%)	0 (0%)	0 (0%)	24 (3,8%)
10ª	0 (0%)	0 (0%)	2 (1,4%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (0,3%)
11ª	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
12ª	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,7%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,2%)
Total	260	23	144	100	105	632

Legenda: B - Benguela

C - Cabinda

L - Luanda

M - Malange

N - Namibe

Nota: A percentagem indicada em baixo de cada provincia refere-se ao número de professores respectivamente

Anexo II

Mapa 5

Habilitações profissionais

(n = 632 professores)

Tipo da habilitação prof.	B(260 prof.)	C(23 prof.)	L(144 prof.)	M(100 prof.)	N(105 prof.)	Total
Magistério Primário	7	0	9	1	3	20(3,2%)
Curso de Monitores	6	0	2	3	3	14(2,2%)
Professor do Posto	3	0	4	0	0	7(1,1%)
Curso Acelerado	12	0	18	20	2	52(8,2%)
Superação	1	0	5	0	0	6(0,9%)
Magistério			1	0	0	1(0,1%)
FUNIV Ped.	0	0	1	0	0	1(0,2%)
C. Professores agreg.	0	0	0	3	0	3(0,5%)
Total que têm habilitações profissionais	34(13,1%)	0(0%)	39 (25,3%) 40(27,8%)	27(27%)	8(7,6%)	166 (17,8%)

Legenda: B - Benguela

C - Cabinda

L - Luanda

M - Namão

N - Namibe

Mapa 6

Experiências profissionais do corpo docente

(n = 593 professores, média 6,1 anos profissionais)

Provincia	B	C	L	M	N	Total	%
Anos							
0	6	0	17	0	2	25	4,3
1	23	3	14	6	8	54	9,3
2	12	2	9	8	9	40	6,7
3	10	2	17	11	8	58	9,8
4	20	2	12	9	9	52	8,8
5	19	5	20	9	14	67	11,3
6	20	4	12	5	9	50	8,4
7	32	1	13	8	11	65	11,0
8	19	1	8	7	9	44	7,4
9	22	0	5	7	1	35	5,9
10	14	0	5	2	2	23	3,9
11	11	0	2	1	0	14	2,4
12	5	0	3	3	0	11	1,9
13	1	0	2	0	0	3	0,5
14	0	1	3	5	0	9	1,5
15	3	1	1	0	0	5	0,8
16	5	0	1	0	0	6	1,0
17	4	1	0	2	1	8	1,4
18	4	0	0	3	0	7	1,2
19	3	0	0	1	0	4	0,7
20	1	0	0	1	0	2	0,3
Superior a 20	2	0	0	0	1	3	0,5
Total	244	23	144	88	84	583	100

Legenda: B - Benguela

C - Cabinda

L - Luanda

M - Malanje

N - Namibe

Mapa 7 - I

Folhas dos professores

(n = 419 professores)

Número de faltas	Número de professores	em %
0 - 10	140	33,4%
11 - 20	97	23,2
21 - 30	50	11,9
31 - 40	39	9,3
41 - 50	20	4,8
51 - 60	15	3,6
mais de 60	58	13,8

Mapa 7 - II

Causas principais das faltas dos professores

(n = 495 causas indicadas por 419 professores)

Razão de falta	número	em %	
doença	223	45,0	53,4
repouso médico	27	5,4	
doença do filho	15	3,0	
repouso do parto	34	6,9	
óbito	42	8,5	
Problemas de abastecimen- to	39	7,9	
injustificadas	4	0,8	
outras razões	28	5,7	
desconhecidas	83	16,8	

Nota: A percentagem refere-se ao número total das razões indicadas (495) que ultrapassa o número dos professores incluídos porque, às vezes, foram indicadas várias razões.

Anexo II

Mapa 8

condições técnico- materiais

(n = 56 salas)

Móveis completos há em 35 salas (62%)

Quadro preto há em 55 salas (98%)

Giz há em 56 salas (100%)

Luz há em 29 salas (52%)

Mapa mural há em 9 salas (16%)

Todos os alunos têm cadernos em 56 salas (100%)

Todos os alunos têm lápis em 55 salas (98%)

Mapa 9

Existência de material didático

1ª classe (n = 11 turmas / Professores)

	L.Portuguesa			Matemática			C. Integradas		
	+	-	0	+	-	0	+	-	0
PROGRAMA	6	5	✓	7	4	✓	3	8	✓
GUIA	3	8	✓	1	10	✓	1	10	✓
MANUAL DO PROFESSOR	11	0	✓	11	0	✓			
MANUAL DO ALUNO	7	2	2	7	2	2			
CADERNO DE ACTIVIDADES	5	5	✓						

2ª classe (n = 24 turmas/PROFESSORES)

	L.Portuguesa			Matemática			C. Integradas		
	+	-	0	+	-	0	+	-	0
PROGRAMA	12	12	✓	13	11	✓	10	14	✓
GUIA	9	15	✓	8	16	✓	6	18	✓
MANUAL DO PROFESSOR	17	7	✓	18	6	✓	17	7	✓
MANUAL DO ALUNO	12	4	8	14	6	4	13	6	5
CADERNO DE ACTIVIDADES	15	3	6						

3ª classe (n = 17 turmas/Professores)

	L.Portuguesa			Matemática			C.Integradas		
	+	-	0	+	-	0	+	-	0
PROGRAMA	12	5	✓	12	5	✓	12	5	✓
GUIA	9	8	✓	11	6	✓			
MANUAL DO PROFESSOR	13	4	✓	13	4	✓	13	4	✓
MANUAL DO ALUNO	11	3	3	11	4	2	12	4	1
CADERNO DE ACTIVIDADES	12	3	2						

4ª CLASSE (n = 19 turmas/PROFESSORES)

	L. Portuguesa			Matemática			C. Nat.			Geog.		
	+	-	0	+	-	0	+	-	0	+	-	0
PROGRAMA	9	10		10	9		7	11		10	11	
GUIA	2	17		0	19		2	17		3	16	
MANUAL DO PROFESSOR	11	8		14	5		9	10		12	7	
MANUAL DO ALUNO	6	8	5	8	7	4	13	4	2	14	2	3

Legenda: + Tem

- Não tem

0 Em parte tem

ANEXO II

MÉDIA DE ALUNOS POR TURMA -(n = 128 turmas)

	Benguela	Cabinda	Luanda	Malange	Namibe	%
1ª	$\frac{5-200}{40,0}$	$\frac{3-103}{34,3}$	$\frac{7-389}{55,6}$	$\frac{2-80}{40,0}$	$\frac{3-145}{48,3}$	$\frac{20-917}{45,8}$
2ª	$\frac{10-365}{36,5}$	$\frac{7-155}{22,1}$	$\frac{8-337}{42,1}$	$\frac{7-291}{41,6}$	$\frac{9-435}{48,3}$	$\frac{41-1563}{38,6}$
3ª	$\frac{6-334}{41,8}$	$\frac{3-102}{34,0}$	$\frac{11-429}{39,0}$	$\frac{7-262}{37,4}$	$\frac{5-238}{47,5}$	$\frac{34-1365}{40,1}$
4ª	$\frac{10-321}{32,1}$	$\frac{3-99}{33,0}$	$\frac{11-484}{44,0}$	$\frac{3-116}{39,3}$	$\frac{3-226}{37,7}$	$\frac{33-1248}{37,8}$
Σ	$\frac{33-1220}{37,0}$	$\frac{16-459}{28,7}$	$\frac{37-1639}{44,3}$	$\frac{19-751}{39,5}$	$\frac{23-1044}{45,4}$	$\frac{128-5113}{39,9}$

Explicação:

Número de turmas	—	Total de alunos
Média de alunos por turma		

Exemplo (1ª classe de Benguela)

$\frac{5-200}{40,0}$

Isto é: Na 1ª classe em Benguela foram analisadas 5 turmas nas quais há 200 alunos; que corresponde a uma média de 40,0 alunos em cada turma.

IDADE DOS ALUNOS DE CADA CLASSE

	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1ª	931	1 678	1 327	1 135	923	619	353	181	82
2ª	24	304	807	966	1172	1022	865	605	319
3ª	-	30	154	535	670	725	765	794	525
4ª	-	-	-	43	355	489	760	744	738

IDADE DOS ALUNOS REPROVADOS EM CADA CLASSE

	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1ª	260	388	409	388	325	228	119	56	34
2ª	0	188	307	372	428	304	281	225	84
3ª	0	35	119	192	204	179	170	144	156
4ª	0	0	0	34	110	128	238	2200	283

Anexo II

Mapa 12

Cumprimento de aspectos didácticos nas aulas assistidas

(ⁿ Língua Portuguesa: 30 aulas, ⁿ Matemática: 27 aulas)

Aspecto didáctico	em total				Matemática				Língua Portuguesa		
	nº	sim	não		nº	sim	não		nº	sim	não
Apresentação dos objectivos	57	26 (45,6%)	16 (28,1%)	15 (26,3%)	27	16 (59,3%)	5 (18,5%)	6 (22,2%)	30	10 (33,3%)	11 (36,7%)
Garantia do nível inicial	57	19 (33,3%)	20 (35,1%)	18 (31,6%)	27	8 (29,6%)	9 (33,3%)	10 (37,0%)	30	11 (36,7%)	11 (36,7%)
Apresentação da matéria nova	50	23 (46,0%)	21 (42,0%)	6 (12,0%)	24	8 (33,3%)	13 (54,2%)	3 (12,5%)	26	15 (57,7%)	8 (30,8%)
Consolidação dos conhecimentos	57	16 (28,1%)	14 (24,6%)	27 (47,4%)	27	8 (29,6%)	4 (14,8%)	15 (55,6%)	30	8 (36,7%)	10 (33,3%)
Controlo e avaliação	52	19 (36,6%)	11 (21,2%)	22 (42,3%)	26	9 (34,6%)	8 (30,8%)	9 (34,6%)	26	10 (38,5%)	3 (11,5%)
Tarefa para casa	50	24 (48,0%)	23 (46,0%)	3 (6,0%)	24	10 (41,7%)	13 (54,2%)	1 (4,2%)	26	14 (53,8%)	10 (38,5%)
Trabalho independente	56	33 (58,7%)	12 (21,4%)	11 (19,6%)	27	18 (66,7%)	5 (18,5%)	4 (14,8%)	29	15 (51,7%)	7 (24,1%)
Carácter científico	47	18 (38,3%)	5 (12,8%)	23 (48,9%)	25	12 (48,0%)	2 (8,0%)	11 (44,0%)	22	6 (27,3%)	4 (18,2%)
Compreensão da matéria dada	55	15 (27,3%)	7 (12,7%)	33 (60,0%)	25	10 (40,0%)	3 (12,0%)	12 (48,0%)	30	5 (16,7%)	4 (13,3%)

IDADE DOS ALUNOS DE CADA CLASSE

	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1ª	931	1 678	1 327	1 135	923	619	353	181	82
2ª	24	304	807	966	1172	1022	865	605	319
3ª	-	30	154	535	670	725	765	794	525
4ª	-	-	-	43	355	489	760	744	738

IDADE DOS ALUNOS REPROVADOS EM CADA CLASSE

	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1ª	260	388	409	388	325	228	119	56	34
2ª	0	188	307	372	428	304	281	225	84
3ª	0	35	119	192	204	179	170	144	156
4ª	0	0	0	34	110	128	238	2200	283

Como foi a disciplina dos alunos?			
	f	%	
boa	37	67	
regular	10	18	
má	8	15	

Como foi a participação dos alunos?			
	f	%	
muito boa	1	2	
boa	21	37	
regular	16	28	
má	9	16	
não tinham possibilidade de participar	10	18	

Qual foi a relação professor - aluno?			
	f	%	
muito boa	9	16	
boa	28	49	
regular	20	35	

Quais foram os métodos principais utilizados?			
	f	%	
Exposição	43	75	
Conversação	4	7	
Interrogação	37	65	
Trabalho independente dos alunos	5	9	

Quais foram os meios didáticos utilizados?			
	f	%	
Quadro	34	60	
Manual	32	56	
Modelos	3	5	

Mapa 14Profissão dos pais.

Profissão	Pais	Mães	Total
camponês	11	18	29
operário	31	3	34
funcionário	27	11	38
comerciante	2		2
desempregado/doméstico	3	40	43
quitandeira		5	5
outras		4	4
não responderam	55	57	112
	140	140	280

Nota: Dos 140 alunos entrevistados podemos constatar que há 13 cujos pais já faleceram (11) pais e (2) mães.

Mapa 15 - I

Entrevista aos alunos reprovados

(n = 140 alunos)

	sim	não	não responderam
O professor acompanha os alunos no recreio	35 (25%)	42 (30%)	63 (45%)
O professor sabe ensinar	65 (46%)	2 (1%)	73 (52%)
O professor é amigo dos alunos	60 (43%)	6 (4%)	74 (53%)
Os alunos gostam do professor	53 (38%)	3 (2%)	84 (60%)
A escola tem cantina	0 (0%)	79 (56%)	61 (44%)
A escola tem casa de banho	57 (41%)	25 (18%)	58 (41%)
A casa de banho está limpa	3 (2%)	45 (32%)	87 (62%)
O aluno é assíduo	75 (54%)	8 (6%)	57 (41%)
Há necessidade de fazer trabalhos de casa etc.	115 (82%)	11 (8%)	14 (10%)
O aluno tem muito tempo livre para estudar	74 (53%)	13 (9%)	53 (38%)
Os encarregados de educação ajudam	91 (65%)	17 (12%)	32 (23%)
Os encarregados de educação querem que os filhos andem na escola	113 (81%)	2 (1%)	25 (18%)

<u>Relação entre professor e aluno</u>	só na escola:	101 alunos (72%)
	também fora da escola:	12 " (9%)
	não responderam:	27 " (19%)
<u>Qualidade do ensino</u>	bom:	82 " (44%)
	regular:	21 " (15%)
	mau:	9 " (6%)
	não responderam:	48 " (34%)
<u>Razões do estudo</u>	para aprender:	48 " (34%)
	gosta:	18 " (13%)
	não responderam:	74 " (53%)
<u>Língua que fala</u>	só português:	89 " (64%)
	português e uma ling. natl:	45 " (32%)
	não responderam:	6 " (4%)
<u>Gosta de falar português?</u>	gostam:	54 " (39%)
	não gostam:	4 " (3%)
	não responderam:	82 " (59%)
<u>Grau de dificuldade das provas</u>	difíceis:	67 " (48%)
	grandes:	45 " (32%)
	fáceis:	21 " (15%)
	não responderam:	14 " (10%)

Anexo II

Mapa 15 - II

Entrevista aos alunos reprovados

(n = 140 alunos)

<u>Quem cuida da limpeza das salas</u>	os contínuos:	25	(18%)
	os alunos:	39	(28%)
	o professor:	2	(1%)
	os alun. ajud. p. prof.	13	(9%)
	os cont. ajud. p. alu.	2	(1%)
	não responderam:	67 alunos	(48%)
<u>Distância entre morada do aluno e escola</u>	moram perto:	102	" (73%)
	moram longe:	32	" (23%)
	não responderam:	6	" (4%)
<u>O aluno vai para a escola</u>	vão a pé:	89	" (64%)
	vão de carro:	3	" (2%)
	não responderam:	48	" (34%)
<u>Com quem o aluno estuda</u>	com os pais:	34	" (24%)
	com os primos:	4	" (3%)
	com os colegas:	4	" (3%)
	sozinho:	26	" (19%)
	com o explicador:	2	" (1%)
	não responderam:	78	" (56%)
<u>Local do estudo</u>	casa dos pais:	61	" (44%)
	casa dos tios:	3	" (2%)
	casa do explicador:	2	" (1%)
	não responderam:	74	" (53%)
<u>O que gostariam que fizessem</u>	cantina:	58	" (41%)
	casa de banho:	11	" (8%)
	Reconstrução:	25	" (18%)
	pôr cadeiras:	15	" (11%)
	jardim:	14	" (10%)
	outras coisas:	31	" (22%)
	não responderam:	57	" (41%)
<u>O que fazem no tempo livre:</u>	brincar:	62	" (44%)
	não brincar:	17	" (12%)
	descansar:	1	" (1%)
	não responderam:	60	" (43%)

Al. xo II
Maia 16

Disciplinas de maior interesse
(n = 85 alunos)

-121-

-127-

	L. Port.	Matem.	C. Integ.	C. Nat.	História	Geografia	F.M.P.	Total
1ª clas.	3	10	4	X	X	X	0	17
2ª clas.	12	13	5	X	X	X	1	31
3ª clas.	6	6	4	X	X	X	0	16
4ª clas.	4	6	X	1	2	7	1	21
Total	25	35	13	1	2	7	2	85
%	29,4%	41,2%	15,3%	1,2%	2,4%	8,2%	2,4%	X

Mapa 17 - I

Entrevista aos professores

	sim	não	não res-ponderam
Dão trabalhos de casa (n=81)	73(90%)	5(6%)	3(4%)
Materiais didáticos são suficientes (n=81)	41(51%)	33(41%)	7(9%)
Professores que já fizeram material didático (n=56)	23(41%)	32(57%)	1(2%)
Tem relações com os alunos só dentro da escola (n=56)	21(38%)	33(59%)	2(4%)
Alunos que mostram interesse pela escola (n=56)	43(77%)	6(11%)	7(12%)
Alunos que mostram interesse pelo aprender (n=56)	19(34%)	26(46%)	11(20%)
Alunos que cumprem com as tarefas (n=81)	48(59%)	6(7%)	27(33%)

Opinião dos professores sobre as causas das desistências (55 professores)

Desinteresse por parte dos alunos:	15 Prof.	(27%)
não sabem:	11 Prof.	(20%)
imigrações:	9 "	(16%)
Problemas de alimentação e saúde:	6 "	(11%)
Desinteresse por parte dos pais:	5 "	(9%)
inadaptação à escola:	5 "	(9%)
desinteresse por parte dos prof.:	3 "	(5%)
outras razões:	10 "	(18%)

Medidas tomadas pelos professores para evitar as reprovações (86 prof.)

reunião com os pais:	43 prof.	(50%)
pedido de comparecimento aos pais:	9 "	(10%)
visita às casas:	8 "	(9%)
participação à direção:	2 "	(2%)
outras medidas:	11 "	(13%)
nada:	13 "	(15%)

De que necessita para melhor realização a sua tarefa docente (86 prof.)

Material didático:	53 prof.	(62%)
reciclagem/seminários:	50 "	(58%)
colaboração com os pais:	1 "	(1%)
mais visitas:	1 "	(1%)
outros:	4 "	(5%)

ANEXO II

Mapa 17 - II

-123-

Entrevista aos professoresExistência de plano de aulas (81 prof.)

Têm plano:	11 prof.	(14%)
Não têm plano:	54 prof.	(67%)
Não responderam:	16 prof.	(20%)

Coordenação da planificação (81 prof.)

Coordenador de disciplina:	58 prof.	(72%)
Director da escola:	7 prof.	(9%)
Em base no plano modelo:	11 prof.	(14%)
Não responderam:	5 prof.	(6%)

Tempo dedicado à planificação das aulas por dia (55 prof.)

Menos de 2 horas:	24 prof.	(44%)
2 a 3 horas:	12 prof.	(22%)
3 a 6 horas:	3 prof.	(6%)
Mais de 6 horas:	1 prof.	(2%)
Não houve superação:	24 prof.	(33%)

Superação feita para os professores (72 prof.)

Seminários provinciais:	25 prof.	(35%)
Seminários nacionais:	1 prof.	(1%)
Reciclagens:	22 prof.	(31%)
Não houve superação:	24 prof.	(33%)

Formas d. trabalho com os encarregados de educação (81 prof.)

Através de reuniões:	50 prof.	(62%)
De visitas domiciliares:	1 prof.	(1%)
Da participação à direcção:	1 prof.	(1%)
Não houve:	14 prof.	(17%)
Não responderam:	16 prof.	(20%)

ANEXO II
Mapa 10 - I

Entrevista aos directores

Habilitações literárias (57 professores)

4ª classe	têm 2 directores	(4%)
5ª classe	têm 1 director	(2%)
6ª classe	têm 13 directores	(23%)
7ª classe	têm 11 "	(19%)
8ª classe	têm 26 "	(46%)
9ª classe	têm 1 director	(2%)
10ª classe	têm 3 directores	(5%)

Anos de idade (50 directores)

até 20 anos	têm 1 director	(2%)
de 21 a 25 anos	têm 9 directores	(18%)
de 26 a 30 anos	têm 21 "	(42%)
mais de 30 anos	têm 19 "	(38%)

Anos de experiência como professor (57 directores)

1 ano	têm 1 director	(2%)
2 anos	têm 2 directores	(4%)
3 a 8 anos	têm 30 directores	(53%)
mais de 8 anos	têm 24 directores	(42%)

Anos de experiência como director (57 directores)

1 ano	têm 23 directores	(40%)
2 anos	têm 10 "	(18%)
3 ou mais	têm 24 "	(42%)

Outros cargos além de ser director (57 directores)

32 directores (56%)	têm outros cargos, entre eles:
13 directores (23%)	são estudantes,
8 directores (14%)	são colaboradores estudantes

Opiniões acerca das desistências dos alunos (57 directores)

os alunos desistiram por doença:	9 (16%)
por problemas sociais:	23 (40%)
por conflitos familiares:	12 (21%)
por falta de professores:	2 (4%)
por êxodo rural:	9 (16%)
por causas desconhecidas:	10 (14%)

ANEXO II

-125-

Mapa 10 - II

Entrevista aos directores

Aulas assistidas pelo directores (42 directores) em 01/82

18 directores (43%)	assistiram a 0	aulas
6 " (14%)	"	a 1 a 4 aulas
5 " (12%)	"	a 5 a 9 aulas
5 " (12%)	"	a 10 a 20 "
8 " (19%)	"	a mais de 20 aulas

Atitude dos directores perante o excessivo nº de reprovações (57 direct)

Reuniram com os professores:	9 directores (16%)
Reuniram com os encar. de educação:	7 " (12%)
Participaram através de relatórios:	7 " (12%)
Sensibilizaram os alunos:	8 " (14%)
Não sabiam responder:	29 " (51%)

Estado em que se encontra a escola (57 escolas)

Bom:	1 escola (2%)
Razoável:	23 escolas (40%)
Mau:	20 " (35%)
Muito mau:	13 " (23%)

Propostas a realizar pelo CIP e pelo MED (57 directores)

Realizar reciclagens e preparações pedagógicas e políti-	16 directores
cas:	
Preocupar-se mais com os problemas dos prof.	11 directores
Enviar mais material:	10 directores
Reduzir a matéria dos programas:	5 directores
Elaborar regulamentos, estatutos, etc:	2 directores

ANEXO II

PARTE 12

CAUSAS PRINCIPAIS DAS REPROVAÇÕES POR NÃO APROVEITAMENTO

(Nº DIRECTORES = 47, Nº PROFESSORES = 156, Nº PAIS = 118, n = 321 PESSOAS)

GRUPO INQUERIDO	DIRECT.		PROF.		ENCAR. EDUC.		TOTAL	
	a	b	a	b	a	b	a	b
Principais razões que provocaram o não aproveitamento								
Problemas de saúde e alimentação dos alunos	21	1	89	1	64	1	81	1
Desinteresse por parte dos alunos	72	2	77	2	93	2	71	2
Falta de material didáctico (manuais, cadernos, etc)	57	3	56	4	50	4	54	3
Desinteresse por parte dos pais	53	4	73	3	22	10	49	4
Mau domínio da Língua Portuguesa pelo aluno	40	6	52	2	42	5	45	5
Não cumprimento do programa nas classes anteriores	53	4	35	6	34	6	42	6
Alto grau de dificuldade das provas e do exame	19	10	22	7	52	3	31	7
Má qualidade do ensino	23	7	6	12	25	9	20	8
Problemas de transporte das crianças	15	11	18	8	20	11	15	9
Má relação entre professor e aluno	2	14	8	11	30	8	13	10
Mau domínio da Língua Portuguesa pelo professor	4	12	1	15	11	12	5	11
Difícil situação militar	2	14	4	14	2	13	3	12
Falta de coeservação Escola-Comunidade	21	9	16	9	X	X	X	X
Pouco apoio do GPAP	28	7	13	10	X	X	X	X
Falta de controlo e apoio pela direcção da escola	4	12	1	15	X	X	X	X
Pouca participação das Organizaç. Partidár. e de massas	2	14	5	13	X	X	X	X
Necessidade de fazer trabalho em casa	X	X	X	X	34	6	X	X

Legenda: a - Porcentagem dos directores (professores, pais, todos) que indica a razão respectiva como razão principal

b - Ordem de prioridade entre as razões referidas

Anexo III: Mapas utilizados no inquérito das
II e III níveis

- Mapa 1 : Entrevista ao Director
- Mapa 2 : Entrevista ao Professor
- Mapa 3 : Estatística do corpo docente
- Mapa 4 : Estatística do corpo discente
- Mapa 5 : Questionário sobre causas de reprovação por faltas
- Mapa 6 : Questionário sobre causas de
reprovações, por não aproveitamento
(só foi utilizado para alunos do II nível)
- Mapa 7 : Ficha para observação da aula

ANEXO II
2.ª A. 13
CAUSAS PRINCIPAIS DAS REPROVAÇÕES

ANEXO IV/A 1

-141-

Ø i: número de alunos matriculados em 1ª turma
 n f: número de alunos matriculados em 1ª turma por turma.

PROVINCIA	Matriculados	Desistidos	Reprovados	Reprovados	Reprovados	Reprovados	Aprovados
Luanda	335	2	5	348	144	115	
Huambo	455	12	6	348	229	119	
Benguela	1009	45	75	348	311	371	
Haíla	195	2	-	153	70	74	
Uíge	167	4	2	353	217	136	
Total	2511	65	86	1795	980	815	
Total em %	100	2,6	3,4	70,6	38,9	32	
5ª classe (Total)	1602	94/5,9%	51/3,2%	350/21,9%	1107/69,1%	577/36%	530/33%
6ª classe (Total)	229	83/36,3%	35/15,3%	33/14,4%	688/29,7%	403/17,6%	285/12,5%

2) Tabela: AVALIAÇÃO QUANTITATIVA III NÍVEL (MATA 4) 5ª Classe:

Nº I = 47,1 alunos 6ª Classe: Nº I = 47 alunos

Nº E = 36,3 alunos Nº E = 34,4 alunos

irma

-142-

115
119
371
74
136
815
32
530/
32
285
0,42

Tabela: ...
IV/A 2

PROVINCIA	ALUNOS						
	Matri- culados	Repro- vados por faltas	Repro- vados por garam do fim do ano	Repro- vados por não compareit.	Apro- vados		
Luanda	2204	159	27	415	1602	937	666
Huambo	317	20	25	70	202	125	77
Benguela	709	71	21	168	440	187	262
Huíla	129	3	8	13	108	26	81
Uíge	340	96	10	-	244	113	130
Total	3709	349	91	-	2355	1388	1216
Total em %	100	9,4%	2,5%	17,1%	70,2%	37,4%	32,8%
7ª classe	2014	153	47	409	1405	841	563
	100%	7,6%	2,3%	20,3%	70,8%	41,8%	28%
8ª classe	169	3	4	255	1200	547	652
	100%	1,8%	2,6%	15%	70,9%	32,3%	38,5%

Tabela: ...
7ª classe: n 7 = 43,8 alunos 8ª classe: n 8 = 42,4 alunos
n 7 = 30,5 alunos n 8 = 30 alunos

ANEXO IV/B 1

PROVINCIA	Nº de alunos			Alunos com deficiência	disciplinas								
	a) matriculados	b) com deficiência	percent.		1	2	3	4	5	6	7	8	9
Luanda	128	98	77%	26	46	7	9	12	17	8			
Huambo	7	60	81%	204	16	3	10	9	16	6			
Benguela	117	52	44%	86	1		2	5	-	-			
Huíla	12	36	30%	210	24	12	15	10	19	-			
Uíge	1	30	38%	142	12	7	8	23	-	-			
Total	262	347	161,7%	940	128	50	44	59	52	14			
					36,4%	11,1%	12,7%	17%	15%	4%			

Tabela: Avaliação estatística das faltas (II nível)

II/B 2

PROVINCIA	Nº de alunos			Alunos com deficiência	disciplinas								
	a) matriculados	b) com deficiência	percent.		1	2	3	4	5	6	7	8	9
Luanda	42	25	59,5%	117	7	1	1	3	1	3	3	5	1
Huambo	72	36	50%	157	3	8	4	3	8	3	4	2	1
Benguela	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Huíla	63	47	74,6%	104	18	18	2	5	2	1	0	1	-
Uíge	64	44	68,8%	137	9	13	7	4	6	2	2	0	1
Total	241	152	63%	515	37	40	14	15	17	9	9	8	3
					24,3%	26,3%	8,2%	9,1%	11,5%	9,5%	3,3%	2%	

1) Tabela: Avaliação estatística das faltas (III nível)

Legenda: Habilitação literária (n = 200 professores)

Provincia	8a	9a	10a	11a	12a	PUNIV	INE	UNIV	CC	n2
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	Total
Luanda	0	1	4	1	4	8		6		24
	0%	1,2	16,5	4,2	16,7	23,2		25		
Huambo	1	10	1	11	-	-	1	4	13	45
	1,1	22,2	2,2	24,5			2,2	3,9	28,9	
Uíge	3	1	9	14	2	-	1	-	4	34
	8,8	2,5	26,5	41,2	2,5		2,9		11,8	
Huíla	2	2	1	2	1	-	-	14	9	31
	6,4	6,4	3,3	6,4	3,3			17,2	29	
Benguela	4	12	-	11	1	3	2	2	31	66
	12	32		32,5	2,5	4,5	3	3	47	
Total	14	24	15	37	8	13	5	26	56	200
	7	12	7,5	19,5	4	6,5	2,5	13	28	

Legenda: Experiências profissionais do corpo docente (representativa para as escolas investigadas) (n = 200 professores)

II/C 2

Anos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	>9	coop.	Total
Provincia												
Luanda	2	4	3	3	2	2	4	0	1	3	0	24
Huambo	2	9	8	5	4	1	0	1	0	2	13	45
Uíge	4	5	4	3	3	1	3	0	0	7	4	34
Huíla	5	1	1	0	0	4	9	0	0	2	9	31
Benguela	2	3	5	3	6	3	6	3	0	4	31	66
Total	15	22	21	14	15	10	22	4	1	18	57	200

provações por não-aprovação
conduto

ANEXO IV/L

-145-

CAUSAS	No de entrevistados	DIRECTORES					PROFESSORES					ALUNOS							
		3	3	3	4	-	13	29	26	33	29	26	148	145	158	175	193	134	605
qualidade do ensino		2	0	1	-	-	3	5	2	5	3	5	29	28	21	44	42	45	180
conduta do professor		-	2	-	-	-	2	-	3	2	2	6	13	34	27	59	49	77	246
problemas disciplinares do aluno		-	1	-	1	-	2	14	4	20	17	16	71	48	92	115	46	41	342
desinteresse por parte dos pais		1	3	-	3	-	9	18	24	25	11	16	94	27	55	24	19	17	142
distância entre a morada e a escola		2	1	3	3	-	9	19	21	22	11	14	87	113	100	143	125	81	562
problemas de saúde e de alimentação		2	1	2	3	-	8	25	15	28	24	17	109	103	86	94	143	84	510
situação militar		1	-	1	2	-	4	4	4	5	12	1	26	40	-	26	81	14	195
caso necessário indique aqui outras causas		-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	4	2	2	-	-	7	1
PROVINCIA		HUAMBO	HUÍLA	BENGUELA	HÍGE	LUANDA	TO II	HU	HUÍL	BENGUELA	HÍGE	LUANDA	TOTAL	HUAMBO	HUÍLA	BENGUELA	HÍGE	LUANDA	TOTAL

Legenda: Causas das reprovações por faltas

ANEXO IV/F 1

PROVINCIA	A L U N O S						
	Matricula- ludos	Desis- tentes	Trans- feridos	Repro- vados por faltas	Que che- garão ao fim do ano sem repro- v.	Repro- vados	Apro- vados
LUANDA	128	-	1	18	102	51	58
HUAMBO	74	6	1	2	55	43	22
BENGUELA	117	-	12	29	76	26	50
HUÍLA	112	-	-	7	105	61	41
UÍGE	131	1	-	58	72	38	34
Total	562	7	14	114	327	222	205
porcen- tagem	100%	1,25%	2,5%	20,3%	76%	39,5%	36,45%

Tabela: AVALIAÇÃO ESTATÍSTICA DAS ESCOLAS (II NÍVEL)

IV/F 2

PROVINCIA	A L U N O S						
	Matri- culados	Desis- tentes	Trans- feridos	Repro- vados por faltas	Que che- garão ao fim do ano sem repro- v.	Repro- vados	A- pro- vados
LUANDA*	42	1	-	5	36	17	19
HUAMBO	72	8	4	14	46	24	22
BENGUELA	não recebemos pautas preenchidas						
HUÍLA	63	2	2	3	56	10	46
UÍGE	64	11	-	-	53	30	23
Total	241	22	6	22	191	81	110
em %	100%	9,1%	2,5%	9,1%	79,3%	33,6%	45,7%

TABELA: AVALIAÇÃO ESTATÍSTICA DAS ESCOLAS (III NÍVEL)

* as pautas estavam incompletas

-148-

Município	Nº dos alunos		Nº de deficiências	Distribuição das deficiências sobre as disciplinas									
	a) matriculados	b) que chegaram ao fim do ano		F.M.P.	L.P.	MAT.	C.N. Bio	Q.I.	FIS.	C.S. Geog.	HIST.	LING. Estr.	EXP.
Luanda	203	148	299	31	74	10	-	-	49	-	-	-	51
Huambo	195	128	194	-	70	43	-	-	34	-	-	-	66
Benguela	742	454	847	200	160	120	-	-	108	-	-	-	68
Naífa	148	115	232	7	61	62	59	-	66	-	-	-	37
Víge	308	262	570	45	129	152	100	-	144	-	-	-	162
Total	1602	1107	2262	180	524	494	363	-	479	-	-	-	744
em %	100	69,1	141,2	11,2	32,7	30,8	22,6	-	29,9	-	-	-	44,5
Luanda	132	111	356	9	79	80	61	-	62	-	-	-	65
Huambo	260	220	393	12	120	94	77	-	72	-	-	-	17
Benguela	341	220	420	12	82	108	52	-	116	-	-	-	14
Naífa	47	38	81	-	4	5	7	-	6	-	-	-	2
Víge	159	91	230	-	37	61	47	-	65	-	-	-	-
Total	939	680	1203	33	222	248	242	-	324	-	-	-	98
em %	100	73,3	128,1	3,5	23,6	26,4	25,7	-	34,5	-	-	-	10,4
Luanda	1432	1019	1450	26	116	122	145	555	601	566	495	469	155
Huambo	154	80	319	13	30	45	25	32	40	43	41	32	18
Benguela	137	100	352	3	45	77	55	17	25	34	51	44	1
Naífa	70	55	101	-	21	0	9	1	31	3	7	29	-
Víge	221	151	342	7	24	49	23	59	65	43	8	64	-
Total	2014	1405	2264	49	236	293	357	164	762	689	602	638	174
em %	100	69,8	112,4	2,4	11,7	14,5	17,7	8,1	37,8	34,2	29,9	31,6	8,6
Luanda	772	584	1299	1	120	121	92	161	62	67	77	311	87
Huambo	163	122	332	27	28	59	20	28	45	22	38	40	25
Benguela	572	349	1667	1	198	223	225	197	199	204	210	209	1
Naífa	59	53	88	-	28	15	7	2	6	3	5	16	6
Víge	128	92	270	6	33	35	30	16	27	34	10	67	-
Total	1694	1200	3656	35	407	653	374	408	349	330	340	643	119
em %	100	70,8	215,8	2,1	24,0	38,5	22,1	24,1	20,6	19,5	20,1	38,0	7,0

Tabela: Avaliação dos alunos (Distribuição das deficiências)

ANEXO IV

	Professores com documentação faltas	Professores sem documentação faltas	Professores com documentação faltas	Professores sem documentação faltas
Lucinda	2	2	6	24
Huambo	25	1	19	596
Víge		13	6	25
Huíla	6	9	16	65
Benguela	37	11	18	207
Total	97	38	65	917
em %	48,5%	19%	32,5%	8,9%

Tabela: Visão geral sobre as faltas dos professores

Anexo II

Mapa 15 - II

Entrevista aos alunos reprovados

(n = 140 alunos)

<u>Quem cuida da limpeza das salas</u>	os contínuos:	25	(18%)
	os alunos:	39	(28%)
	o professor:	2	(1%)
	os alun. ajud. p. prof.	13	(9%)
	os cont. ajud. p. alu.	2	(1%)
	não responderam:	67 alunos	(48%)
<u>Distância entre morada do aluno e escola</u>	moram perto:	102	" (73%)
	moram longe:	32	" (23%)
	não responderam:	6	" (4%)
<u>O aluno vai para a escola</u>	vão a pé:	89	" (64%)
	vão de carro:	3	" (2%)
	não responderam:	48	" (34%)
<u>Com quem o aluno estuda</u>	com os pais:	34	" (24%)
	com os primos:	4	" (3%)
	com os colegas:	4	" (3%)
	sozinho:	26	" (19%)
	com o explicador:	2	" (1%)
	não responderam:	78	" (56%)
<u>Local do estudo</u>	casa dos pais:	61	" (44%)
	casa dos tios:	3	" (2%)
	casa do explicador:	2	" (1%)
	não responderam:	74	" (53%)
<u>O que gostariam que fizessem</u>	cantina:	58	" (41%)
	casa de banho:	11	" (8%)
	Reconstrução:	25	" (18%)
	pôr cadeiras:	15	" (11%)
	jardim:	14	" (10%)
	outras coisas:	31	" (22%)
	não responderam:	57	" (41%)
<u>O que fazem no tempo livre:</u>	brincar:	62	" (44%)
	não brincar:	17	" (12%)
	descansar:	1	" (1%)
	não responderam:	60	" (43%)